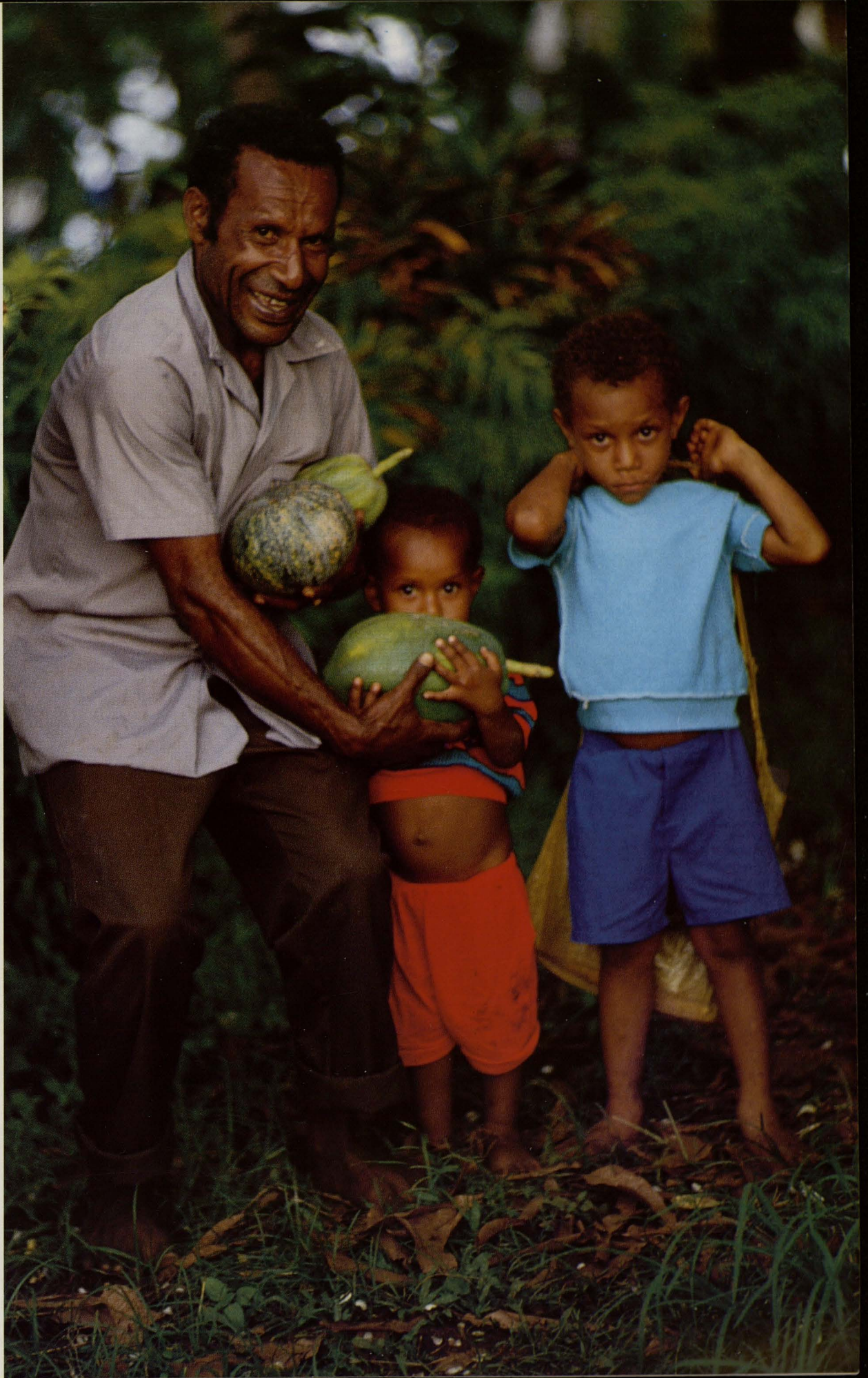


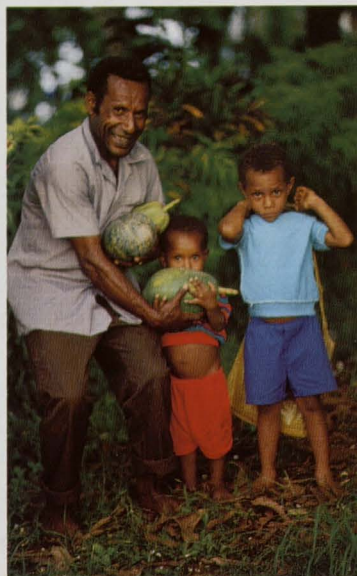
# ALLAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • AGOSTO DE 1995



# A LIAHONA

AGOSTO DE 1995



## Nas capas:

**Primeira capa:** Professor do seminário e pai orgulhoso, Robert Gandia já viu muitos de seus ex-alunos tornarem-se missionários de tempo integral, com o crescimento da Igreja nas ilhas de Papua Nova Guiné.

**Quarta capa:** *Acima, esquerda:* Professora do seminário e do programa de alfabetização, Esther Kairi (ao centro) e as alunas Varia Audie e Hou Hiovea, de Papua-Nova Guiné, desfrutam o desenvolvimento espiritual resultante da prática do evangelho. *Acima, à direita:* Casas típicas em palafitas, ao longo da praia que conduz à capital, Porto Moresby, vista ao fundo. *Abaixo:* Em designação da Igreja, a Sister Diana Winter, da cidade de Perth, na Austrália, cumprimenta um jovem da Nova Guiné. Ver "Papua-Nova Guiné", na página 41. (Fotografia de Michael R. Morris.)

**Capa da Seção Infantil:**  
Hora da Historinha,  
de Sheri Lynn Boyer Doty.

## ÍNDICE

<b>MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: A FÓRMULA DO SUCESSO</b> PRESIDENTE THOMAS S. MONSON .....	2
<b>O PODER DE SEU EXEMPLO</b> ÉLDER JOE J. CHRISTENSEN .....	16
<b>COMO REALMENTE APOIAR O BISPO</b> ANNETTE PAXMAN BOWEN .....	20
<b>ÉLDER JEFFREY R. HOLLAND DO QUÓRUM DOS DOZE APÓSTOLOS</b> DON L. SEARLE .....	26
<b>VAMOS OUVIR NOSSOS PEQUENINOS</b> KAY LYNN WAKEFIELD .....	34
<b>APROVEITE O MOMENTO</b> CLAUDIA ELIASON .....	38
<b>PAPUA-NOVA GUINÉ</b> MICHAEL R. MORRIS .....	41

## ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

<b>O DESAFIO DOS 20 DIAS</b> WENDY FISHER .....	8
<b>ORE E ESPERE</b> JUSTIN C. BUCHANAN .....	10
<b>SEMINÁRIO EM SOWETO</b> PEGGY H. ANDERSEN .....	12
<b>APENAS VENCEDORES</b> SHARON RUCKER .....	19
<b>MINHA PRÓPRIA BÍBLIA</b> SONIA BELLORÍN .....	24

## DEPARTAMENTOS

<b>COMENTÁRIOS</b> .....	1
<b>MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: "MAIS TRISTE AO PECAR"</b> .....	25

## SESSÃO INFANTIL

<b>EXPLORAÇÃO: UMA TERRA FRUTÍFERA</b> RUTH LILJENQUIST .....	2
<b>SÓ PARA DIVERTIR</b> .....	5
<b>TEMPO DE COMPARTILHAR: CREIO SEREM AS ESCRITURAS A PALAVRA DE DEUS</b> KAREN LOFGREEN .....	6
<b>FICÇÃO: SEMENTES MISSIONÁRIAS</b> GAYELLYN WATSON .....	8
<b>DE UM AMIGO PARA OUTRO: ÉLDER VAUGHN J. FEATHERSTONE</b> .....	12
<b>O CARTÃO DE AGRADECIMENTO DE BETO</b> CLARE MISHICA .....	14
<b>HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON: HAGOTE</b> .....	16

AGOSTO DE 1995, Vol. 19, nº 8

A LIAHONA, 95988 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

**A Primeira Presidência:** Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson, James E. Faust

**Quórum dos Doze:** Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, Henry B. Eyring.

**Editor:** Joe J. Christensen

**Consultores:** Spencer J. Condie, Loren C. Dunn

**Administradores do Departamento de Currículo:** *Diretor*

*Gerente:* Ronald L. Knighton

*Diretor de Planejamento e Editorial:* Brian K. Kelly

*Diretor Gráfico:* Allan R. Loyborg

**Equipe Editorial:**

*Editor Gerente:* Marvin K. Gardner

*Editor Gerente Assistente:* R. Val Johnson

*Editor Associado:* David Mitchell

*Editora Assistente/Seção Infantil:* DeAnne Walker

*Controlador:* MaryAnn Martindale

*Assistente de Publicação:* Beth Dayley

**Equipe de Desenho:**

*Gerente Gráfico da Revista:* M. M. Kawasaki

*Diretor de Arte:* Scott D. Van Kampen

*Desenho:* Sharti Cook

*Diretora de Produção:* Jane Ann Peters

*Produção:* Reginald J. Christensen, Denise Kirby,

Matthew H. Maxwell

**Equipe de Subscrições:**

*Diretor:* B. Rex Harris

*Diretor de Distribuição:* Kris Christensen

*Gerentes de Marketing:* Joyce Hansé, Kent H. Sorensen

**A Liahona:**

*Diretor Responsável e Produção Gráfica:* Dario Mingorance

*Editor:* Luiz Alberto A. Silva (Reg. 17.605)

*Tradução e Notícias Locais:* Ana Gláucia Ceciliato

*Assinaturas:* Loacir Severo Nunes

**REGISTRO:** Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

**SUBSCRIÇÕES:** Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

**Departamento de Assinaturas,**

**Caixa Postal 26023**

**05599-970 - São Paulo, SP.**

Preço da assinatura anual para o Brasil: **R\$ 10,00;**

para Portugal - Centro de Distribuição Portugal, Rua

Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada.

Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples:

US\$ 5,00, aérea: US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa

agência: **R\$ 0,85.**

As mudanças de endereço devem ser comunicadas

indicando-se o antigo e o novo endereço.

**A LIAHONA** - © 1977 A Igreja de Jesus Cristo dos

Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados.

Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja

de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se

registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas

e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o

Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista

internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos

Dias, é publicada mensalmente em chinês, holandês,

dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês,

coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e

tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e

trimestralmente em búlgaro, húngaro, islandês, russo e tcheco.

Impressão: Ultraprint Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224

- Brás - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por

esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente

os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão

bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e

da equipe internacional do "International Magazine".

Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes

estão sujeitas a adaptações editoriais.

**Redação e Administração:** Av. Prof. Francisco Morato,

2.430 - 05512-300 - São Paulo - SP - Telefone (011)

816-5811

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published

monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day

Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah

84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah

and at additional mailing offices. Subscription price \$9,00

a year. \$1,00 per single copy. Thirty days' notice required

for change of address. When ordering a change, include

address label from a recent issue; changes cannot be made

unless both the old address and the new are included.

Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to

Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt

Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information

telephone number 801-240-2947.

Printed in Brazil

**POSTMASTER:** Send address changes to A LIAHONA

at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah

84150, U.S.A.

## COMENTÁRIOS

### MEU GUIA PRECIOSO

Toda vez que recebo *L'Étoile* (francês), apresso-me a lê-la. É um guia precioso para mim. Gosto das mensagens da Primeira Presidência, que me ajudam a sentir o Espírito do Senhor e, assim, meu testemunho é fortalecido.

*David Elogéis*

*Ramo Salon de Provence*

*Estaca Nice França*

### REVISTA MISSIONÁRIA

Vi a *Liahona* (espanhol) pela primeira vez quando meu irmão foi batizado e membros da ala deram-lhe números atrasados. Li todos. Conforme lia, sentia alguma coisa que não podia explicar, que me fazia chorar de alegria e felicidade.

Enquanto meu irmão servia missão de tempo integral, perdemos contato com sua ala—mas tínhamos as revistas. Li-as repetidas vezes e sempre encontrei algo que me ajudasse.

Quando meu irmão retornou da missão, ensinou-me o evangelho. Fui batizada em junho de 1987.

Mais tarde, a revista foi uma companheira extra quando fui chamada para a Missão México Guadalajara. Minha missão de tempo integral terminou, mas ainda uso a *Liahona* como instrumento missionário. Trabalho numa lavanderia e levo exemplares para os clientes lerem.

O restante de minha família ainda não se filiou à Igreja, mas eles lêem a *Liahona* e são tocados pelo mesmo Espírito que me tocou oito anos atrás.

Estes anos têm sido os mais felizes de minha vida. Sou grata ao Senhor pelo meu progresso espiritual e pelos conselhos que recebemos por meio da *Liahona*.

*Magdalena Cervantes Reyna*

*Ala Fresno*

*Estaca San Luis Potosí México*

### ENRIQUECIMENTO

Li a *Liahona* (espanhol) pela primeira vez quando a recebi por engano. Hoje, como membro novo da Igreja, sinto que a revista me enriquece com seus artigos, seus exemplos do evangelho vivo e das mensagens dos Irmãos. Gosto de ler principalmente as Mensagens da Primeira Presidência e das Professoras Visitantes.

*Flor Leal Hernandez*

*Ala La Trindad*

*Estaca Caracas Venezuela*

### DE VOLTA À ATIVIDADE

Sou missionário de tempo integral na Argentina. Sinto-me grato pela Mensagem da Primeira Presidência, dada pelo Presidente Gordon B. Hinckley, no número de agosto de 1994—“E Saíndo Pedro . . . Chorou Amargamente”. A mensagem ajudou-me a trazer de volta à atividade alguns membros menos ativos.

A revista também tem ajudado meus familiares, que nem são membros da Igreja. Obrigado.

*Élder Sergio Adrian López*

*Missão Argentina Buenos Aires Sul*



FOTOGRAFIA DE MATTHEW REIER; FOTOGRAFIA NA PÁGINA AO LADO DE ROLF GUNTHER

# A Fórmula do Sucesso

**Presidente Thomas S. Monson**

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

**N**o meridiano dos tempos, o Apóstolo Paulo declarou: “Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz”. (I Pedro 2:9) Este é o destino de todo santo dos últimos dias, se viver para o cumprimento de tal desígnio.

Quando o Salvador viveu nesta Terra, ensinou utilizando parábolas. Pensem na parábola das dez virgens que foram instruídas a encher suas preciosas lâmpadas com azeite; cinco prepararam-se adequadamente e cinco não se prepararam. Chegou então o dia em que o esposo apareceu, e não havia mais azeite para encher as lâmpadas das que não estavam preparadas. Lembrem-se da repreensão do Mestre na ocasião? “Em verdade vos digo que vos não conheço”. (Mateus 25:12) Uma grande lição a respeito de preparação!



**Temos a responsabilidade de aprender a palavra de Deus, de entender a palavra de Deus e de vivê-la. Quando buscamos a verdade, buscamos nos livros e nos lugares onde é mais provável encontrá-la.**

Lembramo-nos também da parábola dos talentos. Um servo recebeu cinco talentos, outro dois e o outro um. Quão feliz ficou o mestre com os que multiplicaram seus talentos e fizeram bom uso deles. Quão triste ficou com o servo que tinha somente um talento e, com medo de perdê-lo, escondeu-o na terra. Conhecemos Suas palavras: "Lançai, pois, o servo inútil nas trevas exteriores (. . .)". (Mateus 25:30)

E lembramo-nos também da parábola da figueira. A figueira tinha folhas, mas não produzia frutos; foi ordenado à árvore que nunca mais produzisse frutos. Lembrem-se da repreensão específica: "Nunca mais nasça fruto de ti!" Imediatamente reagiram os que observaram a concretização da ordem: "Como secou imediatamente a figueira!" (Mateus 21:19-20)

Gostaria de sugerir, tomando as parábolas como ponto de partida, que, se realmente somos a geração eleita, temos a responsabilidade de estar preparados, ser produtivos, ser fiéis e produzir frutos também. O que precisamos, ao passarmos por esse período conhecido como mortalidade, é uma bússola para guiar nosso curso, um mapa para guiar nossos passos e um modelo por meio do qual possamos moldar nossa própria vida. Gostaria de compartilhar com os irmãos uma fórmula que, creio eu, irá ajudá-los e ajudar-me a trilhar um bom caminho pela mortalidade, em direção à grande recompensa de exaltação no reino de nosso Pai Celestial.

Em primeiro lugar, preenchemos a mente com a verdade; em segundo, preenchemos nossa vida com serviço; em terceiro, preenchemos o coração com amor.

Falemos sobre os componentes da fórmula e vejamos se cada um deles encontra lugar no coração humano. Em primeiro lugar, preenchemos a mente com a verdade. Quando buscamos a verdade, buscamos-la nos livros e nos lugares onde é mais provável encontrá-la. Sempre me refiro a um versinho: "Não se encontra a verdade rasgando em meio ao erro. Encontra-se a verdade

buscando a santa palavra de Deus." Existem aqueles que se voltam para as filosofias dos homens quando necessitam de direcionamento e inspiração. Uma verdade superficial pode ser encontrada deste modo, mas nunca a verdade plena e completa.

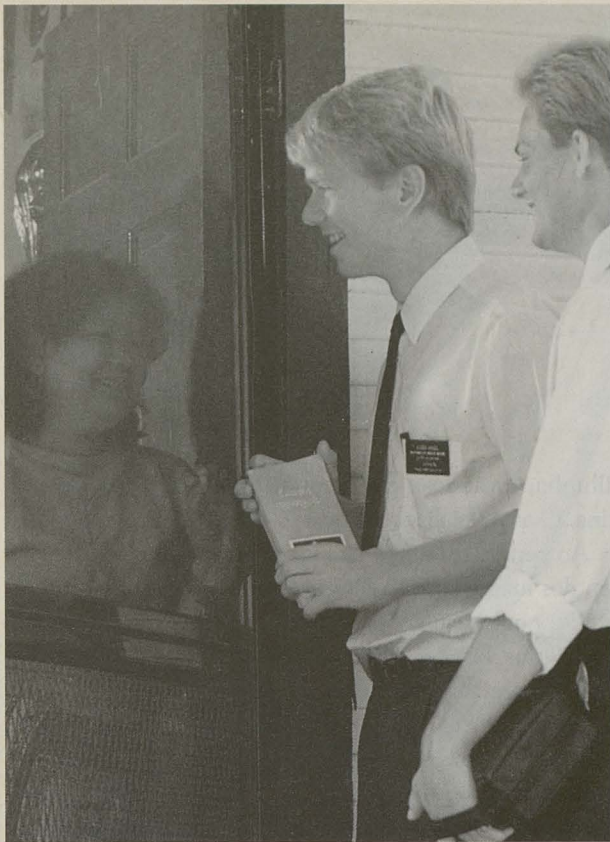
Algumas vezes, a verdade de tais filosofias baseia-se num alicerce sem profundidade. Lembro-me da história de um macaco que vivia em uma jaula na rota de vôo perto de um grande aeroporto. No princípio, o macaco ficava assustadíssimo quando um avião se aproximava e, em seu medo, sacudia as grades da jaula. Ele logo percebeu que, ao sacudir as grades, o avião se distanciava e ele ficava em segurança. O macaco, sem dúvida, imaginava que o sacudir das grades fazia com que o avião, com medo dele, se afastasse e o deixasse em paz. É óbvio que o sacudir das grades nada tinha a ver com o distanciamento do avião, e o mesmo se dá com algumas das filosofias dos homens. Devemos voltar-nos para a verdade de Deus.

Gosto das palavras de Louisa May Alcott, autora do clássico *Little Women*, ["Mulherzinhas" na edição brasileira] que escreveu:

*Não desejo coroa alguma  
Exceto a que todos podem ter;  
Nem tento conquistar mundo algum  
Exceto o que está no meu ser.*

Temos a responsabilidade de aprender a palavra de Deus, de entendê-la e de vivê-la. Ao fazê-lo, descobriremos que aprendemos e aceitamos a verdade. O Profeta Joseph Smith deu-nos um conselho direto ao dizer: "Fiz disto minha regra: Quando o Senhor ordena, eu faço."<sup>1</sup>

David M. Kennedy, um antigo representante especial da Primeira Presidência, fez uma afirmativa bastante significativa ao ser indicado como secretário do tesouro dos Estados Unidos. (N. do T.: Cargo equivalente ao de ministro da fazenda no Brasil.) Em uma entrevista à



**Os missionários têm a maravilhosa oportunidade de oferecer seu tempo integral ao partilhar com todo o mundo esse bem de valor inestimável: o testemunho do evangelho.**

imprensa, um repórter perguntou-lhe se acreditava na oração. Ele corajosamente respondeu: “Creio na oração e oro”, ensinando ao mundo inteiro que a verdade se conhece quando se busca a ajuda do Pai Celestial.

Vivemos numa época em que o tempo é precioso. Não podemos nos dar ao luxo de negligenciarmos a busca sincera da verdade. Preenchamos nossa mente com a verdade.

A segunda parte da fórmula é: Preenchamos nossa mente com serviço. Aprendemos no Livro de Mórmon que “quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus”. (Mosias 2:17) Os missionários, em especial, têm a maravilhosa oportunidade de oferecer seu tempo integral ao partilharem com todo o mundo esse bem de valor inestimável—o testemunho do evangelho. Declaro aos missionários que foram chamados por Deus, pela profecia, e divinamente comissionados e enviados em seu sagrado chamado.

Durante muitos anos tive a oportunidade de trabalhar no Comitê Executivo Missionário e de usufruir a

liderança do Presidente Spencer W. Kimball, que era o encarregado do comitê. Em uma ocasião, lembro-me de ter lido os detalhes a respeito de um missionário em perspectiva e o Presidente Kimball dizer que o rapaz iria, creio eu, para Londres, na Inglaterra. A seguir, ele disse: “Não, está errado. Mande-o para a Missão Dinamarca Copenhaguen.”

Olhei o formulário e notei que eu havia deixado passar uma declaração importante do presidente da estaca. Disse eu: “Presidente Kimball, o senhor já leu este formulário antes?”

“Não”, respondeu ele.

“Veja o que o presidente da estaca escreveu”, continuei. “O avô deste missionário em perspectiva é imigrante da Dinamarca. Ele é o patriarca de nossa estaca. O missionário em perspectiva recebeu a promessa, em sua bênção patriarcal, de que se vivesse verdadeira e fielmente retornaria à terra de seus antepassados para pregar o evangelho naquela terra em particular.”

O Presidente Kimball sacudiu a cabeça demonstrando aprovação e disse: “Hoje se conheceu a vontade do Senhor”.

Os missionários devem saber que estão a serviço de Deus e que vão partilhar o bem mais precioso—seu testemunho. Lembrem-se: o testemunho é precioso. Aquilo que se guarda egoisticamente se perde; aquilo que se partilha de boa vontade se conserva. Todos nos beneficiamos ao magnificar nossos chamados.

O terceiro componente da fórmula é: Preenchamos o coração com amor. Lembro-me de ter assistido na televisão a um jogo de beisebol muito emocionante entre equipes do mesmo nível. Uma das equipes tinha um jogador que havia batido muitos recordes na história do beisebol. Depois do jogo, um repórter entrevistou-o. Ele falou bastante dos aspectos técnicos do jogo. Falou também a respeito de seu pai. O jogador chamava-se Hank Aaron. Ele não tinha muitos recursos financeiros quando criança,

mas adorava beisebol, que era o centro de sua vida. Contou que costumava sentar-se com o pai em um velho carro abandonado que ficava nos fundos da casa e conversar com ele durante horas a fio.

Um dia Hank disse ao pai: "Vou sair da escola, pai. Vou começar a trabalhar para poder jogar beisebol."

Herbert Aaron disse ao seu filho: "Filho, saí da escola porque não pude continuar, mas você não vai sair. Todas as manhãs de sua curta vida deixei cinquenta centavos na mesa para você comprar a merenda e guardei vinte e cinco centavos para o meu almoço. Sua educação significa mais para mim do que um almoço. Quero que tenha o que nunca tive."

Hank Aaron disse que cada vez que pensava a respeito dos cinquenta centavos que o pai deixava na mesa diariamente, lembrava de quanto aqueles centavos significavam para seu pai. Representavam o quanto a educação do filho era importante para ele. Disse Hank Aaron: "Nunca me foi difícil continuar na escola quando pensava no amor que meu pai tinha por mim. Por refletir sobre o amor de meu pai, completei minha educação e joguei bastante beisebol."

Palavras modestas para um dos maiores jogadores de beisebol de todos os tempos, Henry Aaron.

Passemos agora a uma notícia que li uma vez em Los Angeles: "Um pai cego impede que sua filhinha se afogue numa piscina recém-construída nas redondezas". A história explica como isso acontecera. O pai cego ouviu o barulho quando a filha, que não sabia nadar, caiu na água. Ficou desesperado pensando em como ajudá-la. Era de noite e não havia mais ninguém na piscina. Ele abaixou-se e foi engatinhando pelas bordas da piscina procurando escutar as bolhas de ar que vinham da menininha que se afogava. Então, com a audição bem aguçada, acompanhou o som das bolhas de ar e, numa tentativa desesperada, com amor no coração e uma oração na alma, pulou na piscina e agarrou sua preciosa

filhinha, levando-a em segurança para a borda da piscina. O amor realiza milagres.

Ao pensar em amor, lembro-me de Abraham Lincoln, um dos mais destacados presidentes dos Estados Unidos. Ele foi também um dos maiores escritores e oradores do país. Raras vezes tive a oportunidade de ler palavras que melhor caracterizassem o amor que um homem é capaz de ter por outrem do que o descrito na carta a uma mãe que perdera todos os filhos na Guerra da Secessão. É conhecida como a Carta de Lydia Bixby. Observem cuidadosamente as palavras de Abraham Lincoln e vejam se não sentem no coração o amor que enchia o dele:

*Prezada Senhora:*

*Acabo de ver, nos arquivos do Departamento de Guerra, uma declaração do Ajudante Geral de Massachusetts de que a senhora é a mãe de cinco filhos que morreram gloriosamente no campo de batalha.*

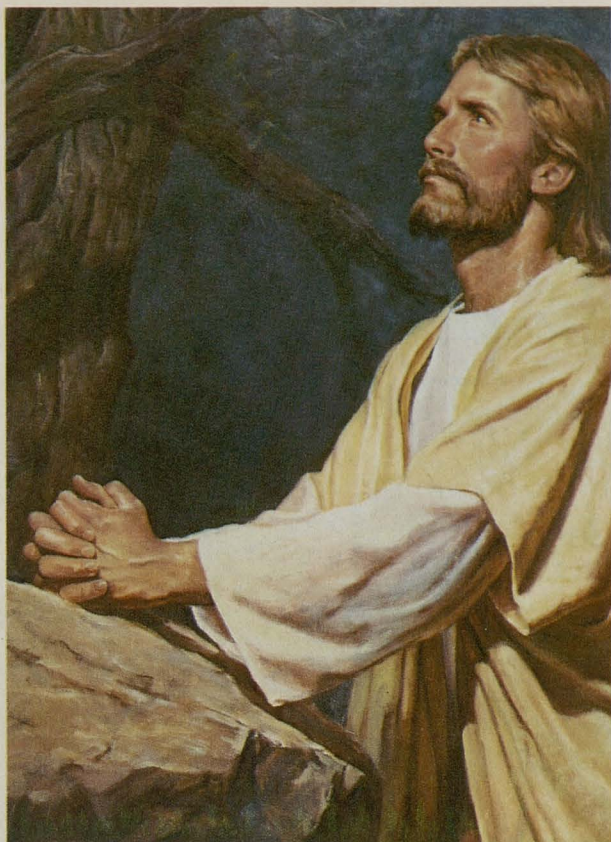
*Sei quão fracas e vãs serão quaisquer palavras minhas para tentarem confortá-la no sofrimento de tão devastadora perda, mas não consigo deixar de oferecer-lhe o consolo dos agradecimentos da república por cuja salvação morreram.*

*Oro para que nosso Pai Celestial alivie a agonia de seu sofrimento e console-a com as mais caras lembranças dos entes queridos que perdeu e o solene orgulho que a senhora deve sentir por ter feito tão alto sacrifício perante o altar da liberdade.*

*Despeço-me mui respeitosa e sinceramente,  
A. Lincoln*

Em nossas reuniões sacramentais, freqüentemente cantamos o hino:

*Assombro me causa o amor que me dá Jesus;  
Confuso estou pela graça de sua luz.  
E tremo ao pensar que por mim sua vida deu;  
Por mim, tão humilde, seu sangue Jesus verteu. (. . .)*



**Agradeço a Deus por Seu amor ao partilhar Seu Unigênito na carne, sim, Jesus Cristo, por todos nós. Agradeço ao Senhor pelo amor que Ele demonstrou ao dar a vida para que tivéssemos a vida eterna.**

*Relembro que Cristo na cruz se deixou pregar;  
Pagou minha dívida, posso eu olvidar?  
Não! Não! E por isso a Cristo exaltarei  
A vida e tudo que tenho eu lhe darei.  
(Hinos, 1990, número 112)*

Assombro-me com o amor que me dá Jesus e o amor que dá a cada um. Penso no amor que Ele demonstrou no Getsêmani. Penso no amor que Ele demonstrou no deserto. Penso no amor que Ele demonstrou na sepultura de Lázaro; no amor que Ele demonstrou no Gólgota, na tumba aberta, e também quando apareceu no bosque sagrado com o Pai e disse aquelas memoráveis palavras a Joseph Smith. Agradeço a Deus por Seu amor ao partilhar Seu Unigênito na carne, sim, Jesus Cristo, por todos nós. Agradeço ao Senhor o amor que Ele demonstrou ao dar a vida para que tivéssemos a vida eterna.

Jesus é mais que um mestre. É o Salvador do mundo. É o Redentor de toda a humanidade. Ele é o Filho de Deus. Ele mostrou-nos o caminho. Lembrem-se que

Jesus preencheu a mente com a verdade; Jesus preencheu a vida com serviço; preencheu o coração com amor. Ao seguirmos esse exemplo, nunca ouviremos as palavras de reprovação que vêm das parábolas. Nunca descobriremos que nossas lâmpadas estão vazias. Nunca seremos considerados servos indolentes. Nunca deixaremos de produzir frutos no reino de Deus. Ao seguirmos cuidadosamente, os elementos dessa fórmula e literalmente preencheremos a mente com a verdade, a vida com serviço e o coração com amor, poderemos ser dignos de, um dia, ouvir do Senhor a declaração: “Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor”. (Mateus 25:21)

Minha oração é que nos portemos de modo a merecer tal elogio de nosso Senhor e Salvador. Oro para que cada um de nós viva de modo a qualificar-se para a bênção do Senhor quando declara: “Eu, o Senhor, sou misericordioso e afável para com aqueles que me temem, e me deleito em honrar aqueles que me servem em retidão e verdade até o fim.

Grande será a sua recompensa e eterna a sua glória.” (D&C 76:5–6) □

NOTA

1. *History of the Church*, 2:170

#### IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Em nossa jornada pela mortalidade, precisamos de um padrão pelo qual moldar nossa vida, a fim de obter a recompensa de exaltação no reino celestial.

2. A seguinte fórmula nos trará sucesso:

— Preencher a mente com a verdade.

— Preencher a vida com serviço.

— Preencher o coração com amor.

3. Jesus mostrou o caminho ao preencher a mente com a verdade, a vida com serviço e o coração com amor.

# O Desafio dos 20 Dias

Eu já havia tentado escrever um diário antes, mas desistira.  
Por que desta vez seria diferente?

Wendy Fisher

**M**oro em Canberra, Austrália. Meus pais deram-me de presente meu primeiro diário quando eu tinha uns oito anos. Escrevi nele por algum tempo e deixei-o de lado. Então, um dia, quando estava com doze anos, peguei-o para ler e decidi que seria melhor recomeçar a escrevê-lo, pois já havia ganho três outros diários de presente!

Nessa época, uma professora do seminário de nosso ramo desafiou-me a escrever o diário durante vinte dias consecutivos. Disse-me que, se o fizesse, isso se tornaria um hábito. Decidi experimentar.

No começo foi difícil escrever, mas depois começou a ficar mais fácil. Percebi que, por escrever meus sentimentos e pensamentos, incluía naturalmente os sentimentos e pensamentos de natureza espiritual. Tornei meu registro divertido incluindo nele informações que poderiam algum dia interessar a meus filhos, como por exemplo o custo das coisas. Imaginei que seria interessante para eles saber como era o cotidiano na minha juventude.

Descobri que um diário é uma boa maneira de expressar sentimentos pessoais. Podemos não desejar partilhá-los com outras pessoas, mas podemos escrevê-los no diário. Às vezes, acho difícil prestar testemunho na reunião sacramental (embora eu o faça algumas

vezes), mas presto-o com freqüência em meu diário.

Gosto muito de escrever aos domingos, quando estou pensando nas coisas espirituais e de reler o que já escrevi. Posso ver o quanto mudei e posso notar que partes do diário são muito mais espirituais que outras. Ele ajuda-me a analisar minha vida e o que o Senhor faz para ajudar-me. Quando o escrevo, sinto-me tranqüila e distanciada das coisas do mundo.

Alguns de meus tópicos preferidos são os amigos. Quando meu irmão era missionário, escrevia-lhe todas as semanas e anotava no diário muitos dos pensamentos que lhe enviava. Com o passar do tempo escrevi sobre meu batismo, as atividades das Moças e, recentemente, sobre uma amiga que conhecia havia seis anos e com quem compartilhei o evangelho—no final, ela aceitou as palestras dos missionários e decidiu ser batizada. Se ela não se lembrar de quem compareceu ao seu batismo e como todos nos sentimos, tenho tudo registrado e posso compartilhar com ela. Agora estou tentando convencê-la a escrever o próprio diário.

Recebi meu desafio dos 20 dias há cinco anos. Ainda estou escrevendo meu diário todas as noites. Pego-o antes de me deitar, leio escrituras e depois escrevo. Tornou-se um hábito e planejo continuar a fazê-lo por toda a vida. □



# ORE E ESPERE



Justin C. Buchanan  
ILUSTRADO POR SCOTT SNOW

**T**endo crescido na Igreja, meus amigos e minha família sempre me disseram que esta era a Igreja verdadeira. Porém, nunca me preocupei em descobrir por mim mesmo. Simplesmente presumi que era verdadeira porque as coisas faziam sentido e meus pais pareciam bastante sinceros sobre sua fé.

Sempre planejava servir como missionário, em parte porque sentia que era o que se esperava de mim e também porque sentia que precisava. Após receber meu chamado, comecei realmente a questionar-me sobre a veracidade da Igreja. Mas nunca havia orado a esse respeito e agora que estava prestes a sair em missão, não tinha coragem de perguntar.

Enquanto estava no Centro de Treinamento Missionário, senti-me muito animado e apreciava o conhecimento que me transmitiam. Ainda assim, aquele pensamento continuava em meu subconsciente. Precisava saber por mim mesmo se o evangelho era verdadeiro, mas continuava preferindo não pensar no assunto.

Um dia, ao terminar uma ótima lição, o professor prestou o testemunho e desafiou cada um de nós a descobrir por si mesmo se a Igreja era verdadeira. Senti que a lição era dirigida especificamente a mim. Naquela noite, pedi ao Pai Celestial que me ajudasse a saber que aquilo que eu fazia estava certo e que a Igreja era verdadeira.

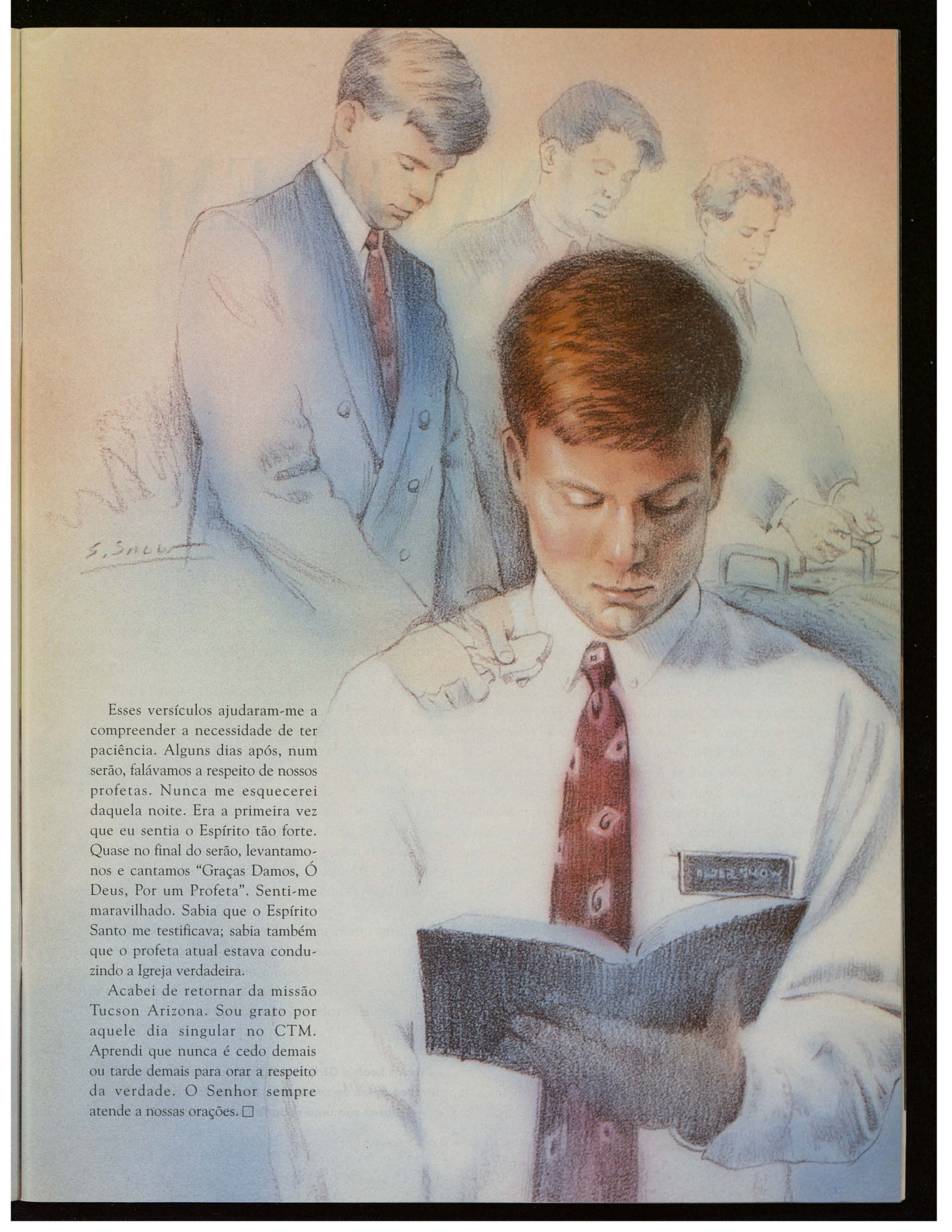
Terminei a oração e esperei por

um longo tempo. Não sentindo coisa alguma, fiquei desanimado e fui dormir.

Alguns dias mais tarde, enquanto estudava as escrituras, li: “Na verdade vos digo meus amigos, não temais, que sejam consolados os vossos corações; sim, regozijai-vos sempre, e em tudo dai graças;

Esperando pacientemente no Senhor, pois as vossas orações chegaram aos ouvidos do Senhor de Sabaoth, e estão registradas com este selo e testamento—o Senhor jurou e decretou que serão respondidas.

Portanto, com um convênio imutável ele vos faz a promessa de que serão realizadas; e tudo o que vos tiver afligido reverterá para o vosso bem e para a glória do meu nome, diz o Senhor.” (D&C 98:1–3)



Esses versículos ajudaram-me a compreender a necessidade de ter paciência. Alguns dias após, num serão, falávamos a respeito de nossos profetas. Nunca me esquecerei daquela noite. Era a primeira vez que eu sentia o Espírito tão forte. Quase no final do serão, levantamos e cantamos “Graças Damos, Ó Deus, Por um Profeta”. Senti-me maravilhado. Sabia que o Espírito Santo me testificava; sabia também que o profeta atual estava conduzindo a Igreja verdadeira.

Acabei de retornar da missão Tucson Arizona. Sou grato por aquele dia singular no CTM. Aprendi que nunca é cedo demais ou tarde demais para orar a respeito da verdade. O Senhor sempre atende a nossas orações. □

# SEMINÁRIO EM SOWETO

Peggy H. Andersen

**S**oweto, África do Sul. Caso já tenha ouvido falar desse lugar, foi provavelmente algo negativo. Assassinatos, estupros e espancamentos acontecem quase diariamente nesse subúrbio de Johannesburgo.

Mas nem tudo lá está ligado à brutalidade e medo. Há alguns oásis de paz. Em cada dia do ano letivo, podem-se encontrar alunos SUD que, juntos, freqüentam o seminário. Orando, cantando e estudando em conjunto, ganham a força necessária para seguir em frente.

Uma aula típica do seminário em Soweto é dada em uma sala que é, na realidade, um misto de cozinha, sala de estar e sala de jantar. Um professor e pelo menos sete alunos apertam-se em torno de uma mesa coberta com uma toalha de linóleo.

A professora está se recuperando de uma facada nas costas. Gladys Saiah não é muito mais velha que os alunos. Ela e a irmã estavam fazendo algo para a mãe numa área da cidade com a qual não estavam acostumadas, quando foram atacadas e esfaqueadas por um grupo de homens. Gladys e a irmã tiveram sorte: foi-lhes permitido partir sem sofrer outros ferimentos.

Conta-nos Gladys: "Quando minha irmã e eu começamos a andar em direção a nossa casa, eu disse a Ellen que deveríamos, em primeiro lugar, agradecer ao Pai Celestial por nossa vida ter sido poupada. Agradecemos de joelhos e, ao nos levantarmos pedi a Ellen que limpasse minhas costas."

## ESCRITURAS COMO PADRÃO DE VIDA

Apesar de algumas vezes a vida ser perigosa em Soweto, os perigos são esquecidos quando o hino de

abertura e a oração dão início ao seminário. A aula começa com a memorização de escrituras e cada um dos alunos recita uma passagem, palavra por palavra.

"O Senhor chamou a Seu povo Sião, porque era uno de coração e vontade e vivia em justiça; e não havia pobres entre eles." (Moisés 7:18)

"Porém o Senhor disse a Samuel: Não atentes para a sua aparência, nem para a altura da sua estatura, porque o tenho rejeitado, porque o Senhor não vê como vê o homem, pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração." (I Samuel 16:7)

Os alunos do seminário em Soweto sabem que o Senhor os ajuda por meio das escrituras. Lucky Ndhila sabe que sua fé o livrou de uma surra. Ele conta:

"Um dia na escola, nosso professor estava muito bravo com a turma. Ele disse que já nos explicara um princípio científico e os outros alunos diziam que não. Uma voz pequena e mansa sussurrou-me: 'Você sabe, Lucky. O professor já nos ensinou isso.'

Levantei o braço e disse, diante de toda a turma: 'O senhor já nos ensinou isso, professor.' Senti-me muito feliz por tê-lo dito.

A turma inteira gritou: 'Ele NÃO ensinou!' O professor ficou furioso e começou a bater em todos os alunos, um por um. Eu costumava sentar-me quase no fundo da sala, e enquanto ele estava ocupado punindo os alunos da frente, inclinei a cabeça e comecei a orar.

**As irmãs Leah e Girly Mbuli lêem juntas durante alguns minutos antes do seminário. Para os jovens SUD aqui, as escrituras são uma grande fonte de conforto e força.**





Lembrei-me de minha escritura do seminário em Provérbios 3:5-6 e disse a mim mesmo: 'Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos e ele endireitará as tuas veredas.'

Ao chegar à minha carteira, a voz do professor mudou; seu rosto mudou. Disse ele: 'Lucky está orando a seu Deus. Eu o perdô.' Ele não me castigou nem a qualquer outro naquele dia. É assim que sei como é importante aplicar as escrituras na vida. Minha oração foi atendida!"

### AMOR POR UM PROFETA

O estudo em conjunto do Velho Testamento teve um grande impacto nos alunos do seminário de Soweto. Incidentes como o seguinte, narrado por uma professora, são comuns:

"Quando chegamos à história de Moisés, todos queriam saber tudo a respeito dele. Foi um sentimento extraordinário, como se Moisés estivesse entre nós.

A tristeza começou quando Moisés ficou sabendo que não lhe seria permitido entrar na terra prometida, após tudo que ele passara, apesar de sua fidelidade e trabalho para conduzir os israelitas.

'É muito triste!', queixaram-se os alunos. Foi ainda mais difícil quando as escrituras disseram que Moisés havia morrido. Todos foram tocados, como se Moisés tivesse partido de nosso meio; houve mesmo um instante de silêncio.

Quando olhei para o rosto dos alunos, eles estavam a ponto de chorar. Alguns olharam para o chão—pareciam não conseguir olhar para mim. Ouvi um dos alunos dizer: 'Agora sabemos que tivemos um líder maravilhoso.'

Outro aluno sugeriu: 'Por que não cantamos "Graças Damos, ó Deus, por um Profeta"?'

Outro acrescentou: 'Sim, só para agradecer a nosso Pai Celestial por nosso amado profeta pela última vez.' E assim cantamos, em meio a nossas lágrimas."

**Girly Mbuli e Lucky Ndhiela em frente à casa de Girly. Num lugar onde a violência e o ódio são freqüentes, elas encontraram esperança, coragem e amor no evangelho de Jesus Cristo.**

### SEM MEDO

A aluna do seminário, Girly Mbuli, explica como sua fé e amor pelas escrituras salvaram-na de uma situação horrível.

"Um dia, minha amiga Tiny Gugu e eu precisamos ir a Zondi para levar alguns livros para outra moça. Quando voltávamos, vimos uma gangue de rapazes. As gangues daqui estupram as moças, roubam carros, fazem coisas horríveis. Começamos a correr, mas já era tarde.

Os rapazes encararam-nos. Eles estavam armados. Obrigaram-nos a subir um morro e planejavam fazer coisas horríveis conosco. Enquanto subíamos o morro, eu orava ao Pai Celestial. Não me lembro que escrituras eu tentava dizer, mas continuei a pensar nelas. Pedi ajuda para manter-me calma e para não ter medo. Senti paz no coração.

Quando se está no alto daquele morro, descortina-se toda a região. Os rapazes perguntaram onde eu estava hospedada. Apontei para Jabulane e algo me fez sentir que deveria dizer que estava com minha avó e minha amiga Lindiwe.

O líder deles olhou para mim e disse: 'Vocês não estão com medo! Deixem-nas ir'. Mais tarde descobri que o irmão de minha amiga Lindiwe é o chefe daquela gangue e que ele se hospeda na casa de minha avó. Eles permitiram que partíssemos.

Quando conto essa história às pessoas, elas não acreditam que sobrevivemos. Mas sobrevivi e sei o motivo: minha fé no Pai Celestial. Sei que Isaías 1:18 pode ser verdade para aqueles rapazes da gangue, caso se arrependam: 'Vinde então, e argüi-me, diz o Senhor: ainda que vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve (...)'"

Muitas pessoas ficam espantadas com a atitude caridosa de Girly. Para elas, Soweto é um lugar horrível. Mas Soweto é o local onde esses alunos do seminário receberam o evangelho de Jesus Cristo. Por meio do estudo, oração e fé, eles encontraram esperança, confiança, coragem e amor.

"Quero dizer a todos que não se esqueçam do Pai Celestial, onde quer que estejam", diz-nos Girly. "Ele não os esquecerá. Ele não me esqueceu." □



# O Poder de Seu Exemplo

Élder Joe J. Christensen,  
da Presidência dos Setenta

**A**s coisas que fazemos quando estamos sozinhos geralmente demonstram bem o tipo de pessoa que realmente somos. O mesmo se aplica quando somos os únicos membros da Igreja entre um grupo de pessoas que não o são.

Embora possa ser uma tentação racionalizar, pensando que, como ninguém sabe que somos mórmons, ninguém descobrirá, caso decidamos abandonar nossos padrões, não devemos cair nessa tentação! Alguém está sempre observando e, se tivermos a coragem de dar bons exemplos, talvez sirvamos de guia para alguém que está em busca da verdade.

Anos atrás, quando eu servia nas forças armadas, minha família e eu estávamos estacionados na Base Aérea de Charleston, no Estado da Carolina do Sul. Lá conhecemos Willis Hepworth, que servia na marinha. Willis ensinou-nos algumas lições importantes a respeito de sermos um bom exemplo, mesmo quando não há familiares ou membros da Igreja por perto.

Willis era ativo na Igreja e participava dos programas para jovens. Ele tinha talento para música e havia participado de variadas atividades.

Ao terminar os estudos secundários em Magna, no Estado de Utah, Willis decidira entrar para a marinha. Um dos navios em que serviu foi um caça-minas que navegava na costa leste dos Estados Unidos. Não conhecia nenhum outro membro da Igreja na tripulação do navio.

Quando o navio ancorou em New Bern, no Estado da Carolina do Norte, para reparos, Willis procurou o endereço do ramo local e foi às reuniões. Ficou sabendo que

no sábado seguinte haveria um baile no ramo. Animado com a possibilidade de ir a um baile, Willis convidou dois colegas, Kenneth Kinzel e John Archer, para irem com ele. Os dois gostaram da idéia de irem a uma atividade social onde haveria algumas moças solteiras e aceitaram o convite.

Foram ao baile e divertiram-se muito. Ken ficou muito impressionado, pois haviam-se divertido muito sem beber e sem as outras atividades normalmente associadas com às folgas habituais. Ele quis saber mais a respeito da Igreja que patrocinava aquele tipo de atividade e perguntou a Willis como poderia fazê-lo. Willis entrou em contato com os missionários. Eles ensinaram Ken e John e, em poucas semanas, ambos foram batizados.

Depois do batismo, Ken desejou que seus pais conhecessem o evangelho. "Duvidava que meus pais jamais tivessem algum interesse em tornar-se membros da Igreja", disse ele. Afinal de contas, seu pai tinha uma posição de destaque na igreja à qual pertencia.

Mas quando Ken foi para casa de licença, perguntou aos pais se estariam dispostos a ouvir os missionários falando a respeito da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Sendo pessoas agradáveis e de mente aberta, concordaram. Posteriormente, Ken teve o privilégio de batizá-los e confirmá-los. Seus pais tornaram-se mais tarde oficiantes de um templo.

Ken tinha um amigo, Don Dewey, que servia a bordo de um outro navio caça-minas. Ele queria descobrir as incoerências na doutrina da Igreja, de modo a mostrar a Ken o erro que havia cometido ao batizar-se. Foi assim



que, quando os três voltaram do mar, Don decidiu ir com Willis e Ken a uma reunião sacramental em Charleston.

Don, porém, nunca encontrou as incongruências procuradas. Em vez disso, depois de meses de estudo intenso, decidiu tornar-se membro da Igreja.

Uma noite logo depois do batismo, Don estava de serviço na casa de máquinas do navio e lia o Livro de Mórmon. Burt, um membro da tripulação, aproximou-se dele e perguntou-lhe o que estava lendo:

“É o Livro de Mórmon”, respondeu Don.

“Você é mórmon?”

“Sim, sou.”

Burt jogou o cigarro no chão e, pisando nele, disse: “Eu também”. Ele havia sido criado na Igreja mas estava afastado desde que entrara para as forças armadas. Don convenceu-o a ir com ele e os outros à reunião sacramental no domingo seguinte. Burt dava início ao processo de arrependimento e começou a colocar a vida em ordem.

Um pouco antes de dar baixa, Don escreveu-nos:

“Como sabem”, disse ele, “sou o único membro da Igreja em minha família. Estava economizando parte de meu soldo para comprar um carro à vista ao dar baixa. Mas agora decidi usar o dinheiro para algo melhor—pagar minha própria missão.”

Ken também decidiu servir como missionário. Ao

terminarem a missão, tanto Ken quanto Don casaram-se no templo e ambos têm-se dedicado fielmente a muitos chamados na Igreja.

Perguntamos a Ken e a Don o que no evangelho e na Igreja os havia atraído mais. Sem hesitar um momento, ambos disseram que fora a vida de Willis, o seu exemplo.

E se Willis houvesse pensado que ninguém o observava? Se houvesse deixado de lado suas crenças, será que Ken e Don seriam, com a família, membros da Igreja? Onde estaria Burt? O que teria acontecido aos pais de Ken? E aos outros que haviam conhecido a Igreja pelo esforço de Ken e Don?

Este grande círculo de trabalho, conversão e boas obras foi gerado pelo exemplo silencioso, porém forte e constante, de um íntegro jovem santo dos últimos dias. Willis estava disposto a enfrentar os desafios de viver seus padrões, mesmo quando encontrava-se sozinho e quando talvez tenha pensado que ninguém o observava.

A verdade é que as pessoas observam. Seus amigos e colegas, tanto dentro como fora da Igreja, observam o tempo todo. Eles buscam a luz que o Senhor disse que devemos ser para o mundo.

Que sejam abençoados para ser fortes e dar o exemplo adequado, mesmo quando—e talvez, especialmente quando—pensarem que estão sozinhos. □

# APENAS VENCEDORES

Sharon Rucker

**E**les não são grandes jogadores de basquetebol, mas são determinados, pensei, enquanto olhava a equipe adversária correr pela quadra.

Eram mais jovens, menos experientes e mais baixos que os jogadores de nossa equipe, mas continuavam tentando, mesmo quando era claro que não tinham a menor condição de vencer.

Randy, um menino de cabelos louros, jogava como se não soubesse qual era o placar. Embora raramente tocasse na bola, perseguia-a para cima e para baixo na quadra, como se todo o jogo dependesse dele.

Quando seus parceiros passavam-lhe a bola, carregava-a uns quatro passos, parava, quicava-a e passava-a para outro jogador. Os juízes, porém, não marcavam falta e ninguém reclamava. Randy, que é deficiente mental, estava dando o melhor de si.

Poucos segundos antes do término do jogo, ele pegou a bola e seus companheiros gritaram para que a arremessasse. Tão concentrado, que sua língua pendia para fora da boca, ele arremessou-a—e errou. Um de nossos jogadores recuperou a bola, hesitou e passou-a para Randy.

“Arremesse a bola!” gritou nosso jogador, e membros das duas equipes juntaram-se ao coro da torcida.

A bola subiu, bateu no aro e caiu fora. Outra vez, a bola foi passada a Randy e ele errou de novo. O tempo esgotou-se, o sinal não soou e os juízes permaneceram no meio da quadra. Todo mundo gritava para ele tentar outra vez. Dessa vez, a bola descreveu um arco e mergulhou na rede e os últimos dois pontos do jogo pertenceram a Randy.

A multidão enlouqueceu e membros das duas equipes cercaram Randy para congratulá-lo. Ele pulava, entusiasmado, como se tivesse ganho o jogo. E dei-me conta de que ele, bem como cada um dos demais jogadores, realmente o haviam ganho.

Todos tinham sido verdadeiros esportistas: justos e generosos. Naquela noite, ninguém foi para casa sentindo-se zangado ou desapontado. Não houve insulto nem caçoadas. Não houve perdedores—apenas vencedores. □



# COMO REALMENTE

Annette Paxman Bowen  
FOTOGRAFIA DE STEVE BUNDERSON

Pouco depois de ter sido chamado para servir como bispo de nossa ala, meu marido, Scott, aconselhou os membros da ala a não criticarem o modo em que os indivíduos servem em seus chamados. Para ilustrar esse ponto, ele usou como analogia uma experiência que tivemos ao pendurarmos as luzes de Natal no telhado de nossa casa.

Ele estava no alto de uma escada de madeira muito alta. A escada balançava de maneira perigosa no declive coberto de gelo que se formara no gramado em frente da casa. Com um braço, ele agarrava-se à escada e com o outro pendurava as luzes de uma viga a outra. Como não gosta de altura, Scott estava um pouco ansioso. Eu, no chão, segurava a escada. Ao tentar alcançar a viga mais alta, ele disse-me lá de cima: "Não sei não! Eu detestaria cair e quebrar alguma coisa." Ri e gritei para ele: "Você consegue! Acredito em você!" Ele esticou-se e colocou a última lâmpada.

Após Scott ter relatado essa história aos membros da ala, explicou que a maioria de nós, ao esforçarmo-nos para servir e magnificar nossos chamados, estamos, metafo-

ricamente, no alto de uma escada que balança. Precisamos também vencer os temores e inibições, esforçando-nos para, simbolicamente, colocar uma ou duas lâmpadas nos locais necessários. Enquanto estamos lá em cima, o que mais precisamos é de alguém que segure a escada, que dê sugestões úteis quando necessário e que também "grite" palavras de encorajamento e aprovação. Não temos necessidade de que fiquem de lado criticando a maneira pela qual realizamos nosso trabalho.

Continuando a mesma analogia, pensei em diversas maneiras específicas de os membros da ala segurarem a escada em suas alas ou ramos—especialmente a escada dos bispos ou presidentes do ramo. Aqui estão algumas sugestões de coisas a fazer—e a não fazer.



# A P O I A R O B I S P O

## COISAS QUE NÃO SE DEVEM FAZER

**1. Não espere que as pessoas na organização da ala funcionem sempre perfeitamente.** Já se disse isso muitas vezes, mas não custa repetir. Todos nós, num esforço para tornar-nos santos reais, cometemos erros. O “irmão João” pode esquecer de dar o recado que disse que daria. A “irmã Maria” pode não estar tão bem preparada para dar sua aula como deveria.

**2. Não espere que a Igreja preencha todas as suas necessidades.** Apesar de criada e implementada para atingir e servir a todos os membros, a organização da Igreja não consegue representar tudo para todos. Um membro talvez necessite preencher suas necessidades sociais com os vizinhos e colegas de trabalho. Um casal talvez precise de terapia feita com um profissional. Uma família pode precisar contratar uma companhia para fazer a mudança, em vez de esperar que os membros a façam.

**3. Não julgue ou critique os outros.** Comentários impensados, demonstrações de raiva, sugestões descabidas, além de ferir os outros, demandam muito tempo e energia dos membros da ala. Podem-se consumir horas preciosas quando as pessoas ligam para o bispo para relatar algo que alguém na ala disse ou para

pedir-lhe que interfira em divergências entre famílias.

**4. Não reclame.** Poucos de nós nos compararíamos a Lamã e Lemuel quando, de fato, podemos ser culpados de fazer comentários ofensivos ou de guardar ressentimentos que nos levam a reclamar a nossos maridos ou esposas, amigos ou qualquer outra pessoa que nos escute. Em vez de reclamar a respeito de alguém, seria melhor dirigir-se à pessoa e resolver o problema.

**5. Não procure o bispo com o problema de uma organização sem levar também as possíveis soluções.** Meramente reclamar de algo imperfeito em uma organização da ala pode piorar a situação, gerando desarmonia. Por outro lado, quando tomamos a iniciativa de nos oferecer como voluntários e prestar serviço, a organização da ala funciona sem problemas e muitas pessoas são influenciadas e abençoadas pelo exemplo. Em especial, magnifique seu chamado de professora visitante ou mestre familiar. Ao fazê-lo, o fardo dos demais fica consideravelmente mais leve.

**6. Não peça informações ao bispo que possa obter por outro meio.** Verifique antes para saber se há alguma listagem de endereços ou calendários com os líderes das auxiliares e quóruns.

**7. Não ligue para os líderes no trabalho a menos que eles próprios tenham dado permissão para isso ou que se trate de uma verdadeira emergência.** Alguns líderes podem alterar os horários de trabalho para atender às necessidades dos membros da ala, mas outros não. O emprego de alguns líderes às vezes faz com que fiquem inacessíveis para os membros—e, algumas vezes, até mesmo para a própria família. O líder lamenta não estar sempre disponível, mas dadas as exigências do trabalho, faz o melhor possível.

**8. Não espere que o bispo esteja presente a todas as reuniões e atividades.** Caso ele não compareça, isso não significa que não se importa com você, que é irresponsável ou que não o apóia em seu chamado. Sua ausência significa que teve de atender a outro compromisso ou alguma emergência. Na maior parte do tempo, se o bispo puder estar presente, ele estará.

Por exemplo: Numa quarta-feira à noite, nosso bispo não compareceu a um show de talentos porque estava numa reunião de alcatéia dos lobinhos. Depois da reunião, ele não conseguiu telefonar a duas pessoas que lhe haviam deixado recado, porque uma outra pessoa da ala precisava desesperadamente falar com ele—e isso levou até tarde da noite.

## COISAS QUE SE DEVEM FAZER

**1. Compreenda as prioridades do líder.** Após Scott ter sido chamado para servir como bispo, passamos a preservar nosso tempo em família com muito cuidado. Damos valor em especial às noites de segunda-feira que passamos juntos.

**2. Dê informações honestas.** Durante entrevistas pessoais e reuniões, seja franco de uma maneira gentil. O bispo ora diariamente para ter inspiração e orientação; no entanto, ele dá valor às opiniões ponderadas dos membros. No que diz respeito a você, individualmente, diga-lhe o que está acontecendo em sua vida e como você está agindo; assim ele conseguirá tomar decisões bem informadas e inspiradas.

**3. Dirija-se ao bispo se precisar de ajuda.** No entanto, tente resolver os problemas sem ele, quando for possível e adequado que o faça. Se puder resolver um problema dentro do círculo familiar, faça-o. Caso precise de auxílio, tente obtê-lo com aqueles que têm um relacionamento mais direto com você—as professoras visitantes e os mestres familiares. Se eles não puderem ajudar, entre em contato com o presidente do quórum ou da auxiliar. Então, se realmente precisar de aconselhamento ou auxílio do bispo, diga isso a ele. Não espere que o convide para conversar. Algumas vezes ele terá a inspiração de fazê-lo. No entanto, também fica grato quando as pessoas reconhecem que realmente precisam

conversar com o bispo e tomam a iniciativa de marcar uma entrevista com ele.

**4. Entenda as demoras em chamarem-se pessoas para os cargos e em se tomarem as medidas necessárias.** Manter os cargos da ala preenchidos é uma tarefa que nunca acaba, na qual suas sugestões são cuidadosamente levadas em consideração. No entanto, talvez existam outras circunstâncias das quais não esteja ciente. O bispo e outros líderes da ala têm que estar atentos para a organização da ala como um todo. Uma modificação em um cargo pode causar uma reação em cadeia por toda a ala e ocasionar diversas alterações; ou talvez os líderes saibam de uma dificuldade na vida de alguém que venha a influenciar no chamado.

**5. Permita aos líderes serem humanos.** Eles cometem erros; eles ficam cansados. Algumas vezes não conseguem retornar um telefonema. Ocasionalmente, os líderes simplesmente esquecem de fazer alguma coisa. Outras vezes, dizem algo errado. Quando não tiver certeza, acredite na inocência deles. Cada líder tem suas próprias fraquezas e qualidades.

**6. Demonstre gratidão.** Um comentário positivo ou uma palavra de agradecimento têm um efeito muito positivo. Os líderes continuarão a trabalhar, quer escutem elogios ou não. Porém, um “obrigado” gentil ou um “agradeço muito pelo modo

como lidou com a situação” ajudam muito. E não se detenha nos líderes da ala! Agradeça regularmente a qualquer membro da ala que faça algo para você. Ocasionalmente, precisamos ser lembrados que a Igreja é uma organização de *voluntários*.

**7. Ore pelo bispo, seus conselheiros, líderes e todas as famílias da ala.** Nossa ala uma vez fez um jejum por mim porque me submeteria a uma cirurgia bastante séria. Após a operação, consegui *sentir* o poder das orações que haviam sido oferecidas em meu favor. As orações ajudaram a minha rápida recuperação. Do mesmo modo, os bispos frequentemente sentem-se fortalecidos pelas orações dos membros da ala.

**8. Vá ao templo.** Se você for abençoado com um templo nas proximidades de onde vive, descobrirá que a adoração no templo de modo regular aumenta a espiritualidade. Porém, a despeito de quão longe seja o templo, o esforço e o sacrifício para ir lá o maior número possível de vezes abençoá-lo-á e instruí-lo-á.

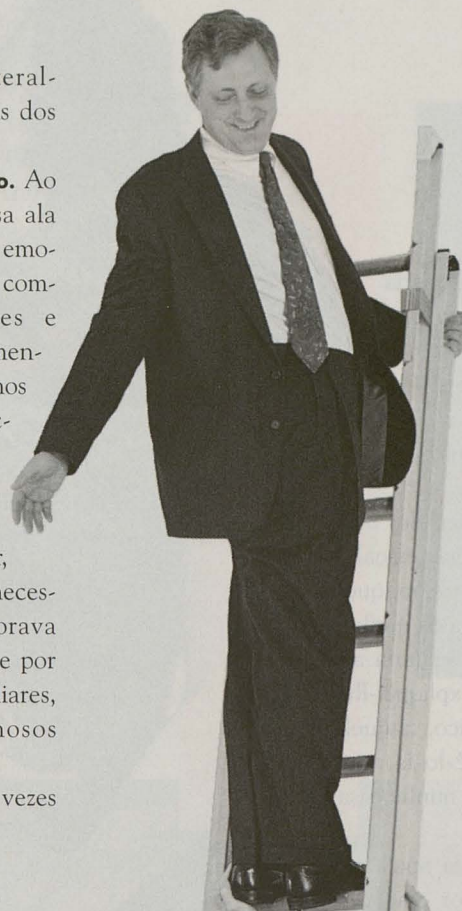
**9. Amem-se uns aos outros.** A admoestação do Senhor é muito simples, mas muito abrangente. Os membros de nossa ala, assim como os de alas e ramos por toda a parte, atenderam a este convite sem reservas. Suas ações e feitos bondosos são incontáveis ao perdoarem, demonstrarem amor, escutarem e servirem uns aos outros. Como resultado, o círculo familiar de nossa ala tem sido ampliado e o amor tem-se aprofundado, com

os membros tornando-se, literalmente, anjos ministradores uns dos outros.

**10. Saiba que você é amado.** Ao servirmos uns aos outros, nossa ala participa de toda uma gama de emoções típicas de uma família—ao compartilhar nossas admirações e desapontamentos, nossos sofrimentos e alegrias, e ao rejubilarmos-nos com o apoio. Em muitos aspectos, a ala é como uma família.

Quando Scott era bispo, algumas vezes lia a lista de membros da ala antes de orar, fazendo um levantamento das necessidades e bênçãos. A seguir, orava por nossa família—não somente por nossos três filhos e outros familiares, mas também pelos maravilhosos membros de nossa ala.

Quando adequado, algumas vezes



ajoelhei-me com Scott para orar pelos membros da ala. O amor e ajuda dos demais membros da ala está sempre disponível para todos nós. Cada um, ao enfrentar os desafios da vida, ganha força quando apoiado pelos líderes da ala e por nossos irmãos no evangelho. Por estarem preocupados conosco, sentimos o amor de nosso Salvador e do Pai Celestial. Durante os anos em que Scott foi bispo, vimos a ala crescer. O mais importante, porém, foi desfrutarmos o maravilhoso e confortante sentimento de amor ao partilharmos nossa vida com outros.

Esse amor dá-nos o desejo de segurarmos a escada para os outros. Quando cada membro da ala se esforça para colocar a última lâmpada, “gritamos” para encorajá-lo e dar-lhe segurança: “Você consegue! Acreditamos em você!” □

# MINHA PRÓPRIA BÍBLIA

Sonia Bellorin

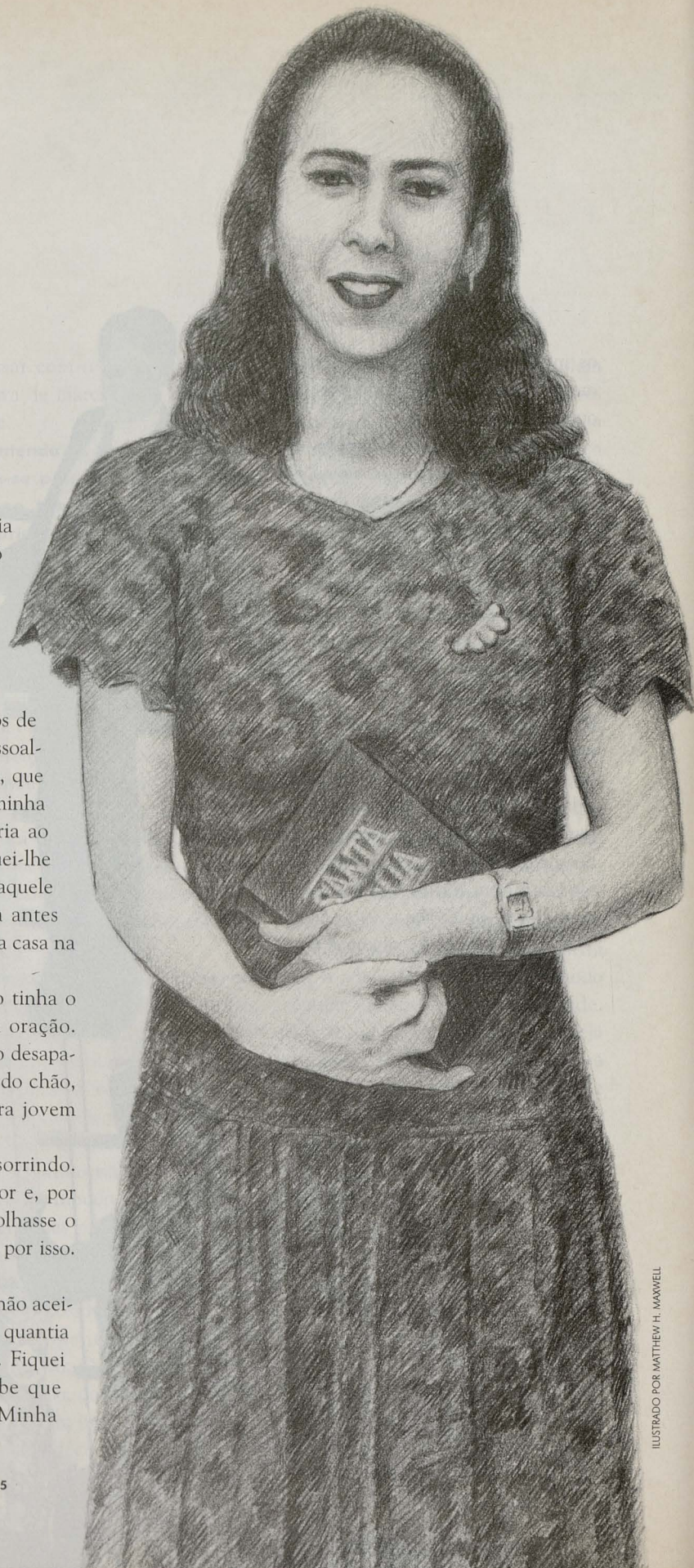
Desde a infância, na Venezuela, eu queria ter minha própria Bíblia, mas só quando me tornei membro da Igreja de Jesus Cristo e senti uma grande necessidade de conhecer melhor o Salvador, prometi a mim mesma adquirir um exemplar na primeira oportunidade.

A Igreja era nova em nossa área e os pedidos de livros só podiam ser feitos quando alguém ia pessoalmente à sede da missão. O presidente do ramo, que era um missionário de tempo integral, sabia da minha necessidade. Uma vez, ele me disse que viajaria ao escritório da missão dentro de três dias. Expliquei-lhe que, embora a Bíblia custasse muito pouco, naquele momento eu não tinha dinheiro, mas tê-lo-ia antes que ele partisse. Concordeu em passar por minha casa na sua ida ao escritório da missão.

O dia da viagem dele chegou. Eu ainda não tinha o dinheiro, então voltei-me para o Senhor em oração. Assim que terminei de orar, minha preocupação desapareceu e senti uma grande paz. Mal me levantei do chão, alguém bateu à porta. Abri-a e vi uma senhora jovem com um bebê nos braços.

“Moro bem atrás da sua casa”, disse-me, sorrindo. “Não nos conhecemos, mas preciso de um favor e, por alguma razão, decidi vir aqui”. Pediu-me que olhasse o bebê por algum tempo, dizendo que me pagaria por isso. Concordei em fazê-lo.

Quando ela voltou, eu já havia decidido que não aceitaria o dinheiro, mas ela pôs em minha mão a quantia exata que eu precisava para comprar a Bíblia. Fiquei muito emocionada. Naquele momento, soube que minha oração fora respondida pelo Senhor. Minha alma transbordou de gratidão! □



ILUSTRADO POR MATTHEW H. MAXWELL

# SEÇÃO INFANTIL

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • AGOSTO DE 1995



# UMA TERRA FRUTÍFERA

Ruth Liljenquist

**Q**uando Jesus nasceu, os israelitas já estavam na Judéia havia muitas centenas de anos. O Senhor tinha-lhes dito que eles estavam numa “boa terra”, onde nada lhes faltaria (ver Deuteronômio 8:7,9).

Ainda assim, os judeus precisavam que trabalhassem arduamente para sustentar a família. Não havia fábricas, havia apenas algumas máquinas com as quais eles produziam as coisas de que precisavam para sobreviver. Olaria, agricultura, tecelagem, carpintaria, pesca e outras atividades

eram realizadas com ferramentas artesanais. Três maneiras importantes de se ganhar a vida era cultivar trigo, produzir azeite de oliva e pescar.

## CULTIVAR TRIGO

Era comum encontrar-se plantações de grãos na Judéia. Os agricultores judeus usavam arados puxados por animais, a fim de preparar a terra para o plantio. Depois, precisavam vigiar, observar atentamente o campo por causa da fragilidade

dos talos de trigo e cevada.

Na época da colheita, normalmente no final da primavera, os segadores entravam no campo e cortavam os talos de trigo com pequenas foices de madeira munidas de peças afiadas de pedreira encaixadas na parte curva, para formarem lâminas. À medida que os segadores cortavam o trigo, enfeixadores seguiam-nos atando feixes de talos. Os dois grupos moviam-se rapidamente, muitas vezes deixando cair feixes de talos de trigo e ignorando os cantos da plantação. Esse



ILUSTRADO POR SHAJUNA MOONEY KAWASAKI

## ENCONTRE AS FIGURAS

Robert L. Fayoll



aparente desperdício acontecia propositalmente, para que os pobres juntassem os restos (ver Levítico 19:9).

Levados para a área de debulho, uma grande superfície de terra batida, os feixes de trigo eram desatados e espalhados pelo chão. Os bois puxavam um tipo de trenó carregado de gente sobre o trigo, a fim de quebrar os talos e soltar os grãos. Depois, os trabalhadores separavam o trigo do restolho (talos e folhas) jogando-os para o alto. Os grãos, mais pesados, caíam no chão; o restolho, mais leve, era levado pela brisa. Quaisquer impurezas remanescentes eram separadas na peneira. O trigo, então, era armazenado no celeiro até que as mulheres o utilizassem, pouco a pouco, para fazer farinha e pão.

Os agricultores realizavam um trabalho difícil e, após um dia de debulho, comemoravam com uma festa. Os dias de festa eram dias de descanso e agradecimento ao Pai Celestial, que os abençoava em seus labores.

### PRODUIZIR ÓLEO DE OLIVA

Os judeus também colhiam olivas e produziam azeite. No final de setembro, as olivas estavam prontas para a colheita.

# UMA TERRA FRUTÍFERA

Os trabalhadores batiam nos ramos das árvores com varas e colhiam as olivas do chão. Elas eram esmagadas por uma pedra de moinho circular, empurrada por animais ou pessoas sobre uma plataforma de pedra. A polpa da oliva era posta em tanques de pedra e cobertos com tampas de pedra. Uma pedra pesada e plana, amarrada a uma alavanca de madeira, era colocada na boca do tanque para comprimir a polpa. O óleo escoava por um buraco na parte inferior do tanque. Quaisquer

impurezas eram coadas antes de o óleo ser engarrafado e levado para o mercado. Hoje usamos o óleo de oliva para cozinhar, mas, na Igreja, também o usamos para um propósito muito especial—ungir e curar os doentes—assim como o povo dos tempos bíblicos fazia.

## PESCAR

A pesca era outra indústria importante, particularmente para os habitantes da região próxima ao Mar

da Galiléia. Jesus foi muitas vezes ao Mar da Galiléia e lá Ele chamou vários de Seus Apóstolos. Pelo menos seis deles eram pescadores comerciais.

Os pescadores tinham que ser homens fortes e capazes, pois não só precisavam atirar as redes na água e puxá-las cheias de peixe, mas também tinham que navegar, dirigir o barco, evitar as tempestades e prever onde estaria a maioria dos peixes.

Durante o dia, preparavam-se para a pesca remendando as redes e velas, verificando se havia problemas nos barcos e fazendo reparos. O período noturno era o melhor para pescar, quando grandes cardumes nadavam nas águas escuras e calmas.

Os pescadores navegavam mar adentro, jogavam suas redes e esperavam até que estivessem cheias. Às vezes, isso levava apenas alguns minutos; outras vezes, levava a noite inteira. Quando as redes se enchiam, ficavam muito pesadas. Os pescadores trabalhavam juntos para puxá-las para dentro do barco e esvaziá-las no compartimento de carga. Na praia, os peixes eram separados em diferentes cestos e levados para o mercado, ou então salgados, secos e enviados para outros países.

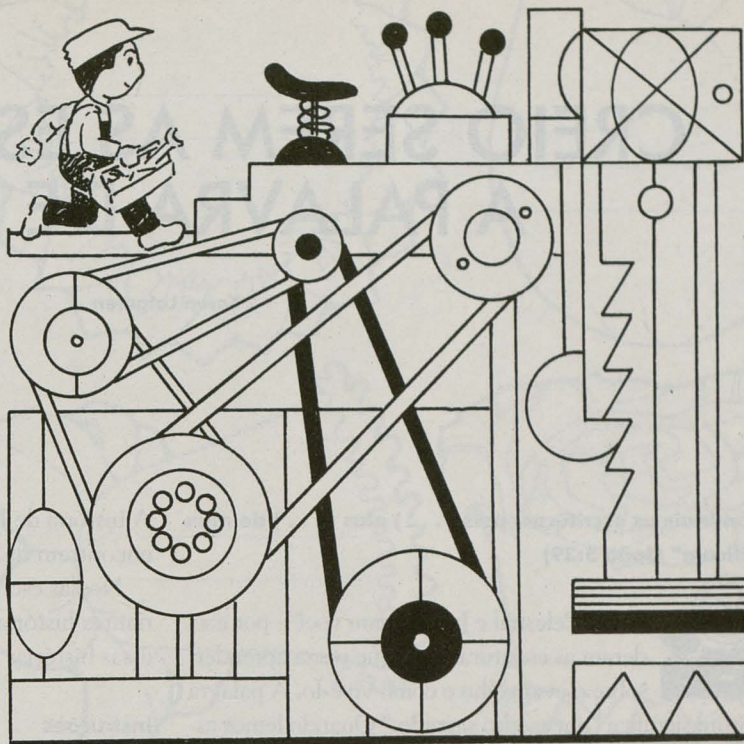
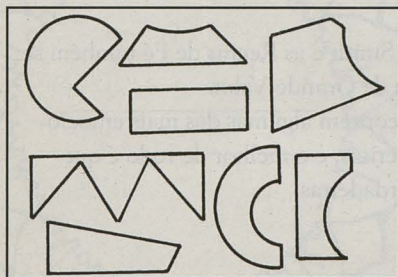
Hoje em dia podemos colher grãos, fabricar azeite e pescar mais rápida e facilmente, mas uma coisa ainda é a mesma: o Pai Celestial abençoa-nos com os frutos da terra e devemos dar-Lhe graças por isso. □



# ENCONTRE AS FIGURAS

Roberta L. Fairall

Joe, o mecânico, precisa encontrar estas figuras para consertar o motor. Ajude-o, colorindo as figuras quando encontrá-las.



# NÚMEROS DAS ESCRITURAS

Preencha os quadrinhos, como em um jogo de palavras cruzadas, usando números em vez de letras.

## Horizontal

1. Número de livros do Livro de Mórmon.
3. Número de anos de retidão entre os Nefitas depois da visita de Jesus. (4 Néfi 1:22,24)
4. Número de jovens que lutaram ao lado de Helamã. (Alma 56:5)
5. Número de dias e noites de chuva enquanto Noé estava na arca. (Gênesis 7:12,17)
6. Número de anos que os israelitas passaram no Egito antes que Moisés os levasse embora. (Êxodo 12:40)

## Vertical

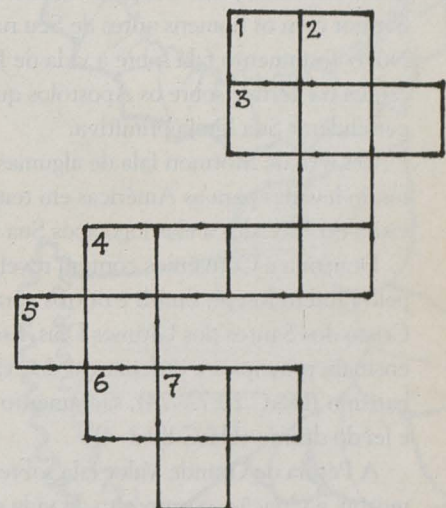
1. Número de Apóstolos chamados por Jesus ao iniciar Seu ministério.
2. Número de homens que Jesus alimentou com cinco pães e dois peixes. (Mateus 14:16-17,21)
4. Número de pessoas batizadas nas Águas de Mórmon. (Mosias 18:16)
7. Número de livros do Velho Testamento.

Vertical—(1) 12, (2) 5000, (4) 204, (7) 39.

(5) 40, (6) 430.

Horizontal—(1) 15, (3) 200, (4) 2000.

Números das Escrituras:



# CREIO SEREM AS ESCRITURAS A PALAVRA DE DEUS

Karen Lofgreen

**“Examinais as escrituras; pois (...) elas (...) de mim testificam” (João 5:39)**



O Pai Celestial e Jesus amam você e por isso deram as escrituras para que possa aprender sobre o evangelho e como vivê-lo. A palavra escritura significa “um escrito sagrado.” Quando lemos as escrituras, aprendemos o que o Pai Celestial espera de nós, o que fará se Lhe obedecermos e o que acontecerá se Lhe desobedecermos. Os quatro livros que os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias aceitam como escritura são a Bíblia, o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor. As palavras inspiradas de nossos profetas vivos também são aceitas como escritura (ver a 9ª Regra de Fé).

A palavra *Bíblia* significa “livro sagrado.” A Bíblia é dividida em duas seções—o Velho Testamento e o Novo Testamento. O Velho Testamento prediz a vinda de nosso Salvador, Jesus Cristo, e registra a comunicação do Senhor com os homens antes de Seu nascimento. O Novo Testamento fala sobre a vida de Jesus quando estava na Terra e sobre os Apóstolos que Ele escolheu para liderar Sua Igreja primitiva.

O Livro de Mórmon fala de algumas pessoas que foram levadas para as Américas em tempos antigos e da visita do Salvador a elas logo após Sua ressurreição.

Doutrina e Convênios contém revelações recebidas pelo Profeta Joseph Smith e outros para A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Essas escrituras nos ensinam princípios e ordenanças do evangelho, como batismo (D&C 20:72–74), sacramento (D&C 20:75–79) e lei do dízimo (D&C 119:3–4).

A Pérola de Grande Valor fala sobre nossa vida pré-mortal, a Criação, o propósito da vida e os últimos dias.

A história de Joseph Smith e as Regras de Fé também se encontram na Pérola de Grande Valor.

Nossas escrituras contêm algumas das mais emocionantes histórias já escritas, e o melhor de tudo é que essas histórias são verdadeiras!

## Instruções

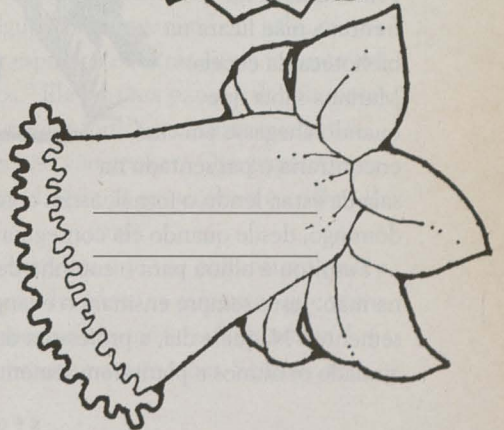
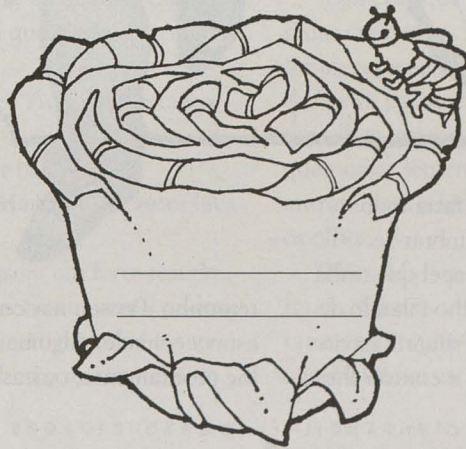
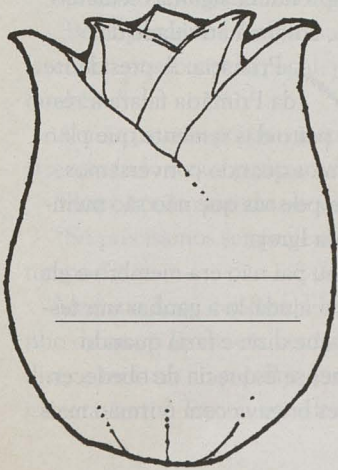
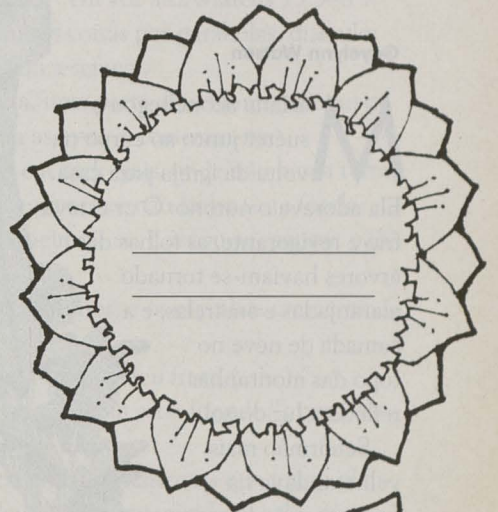
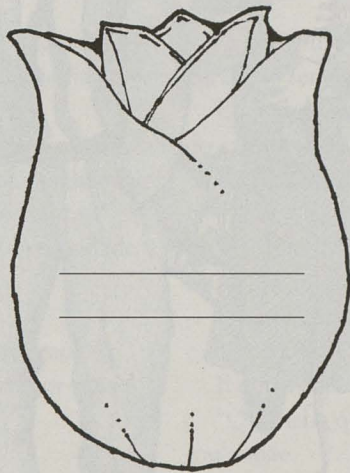
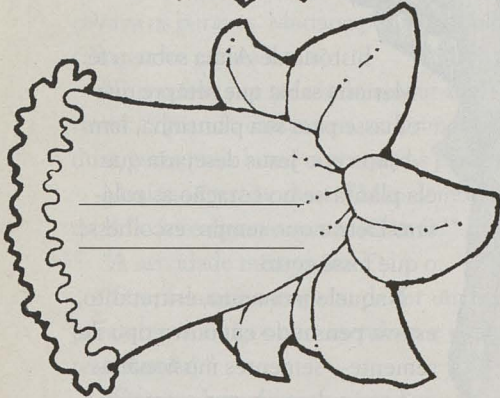
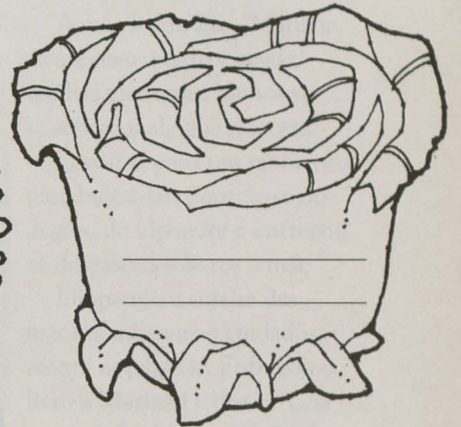
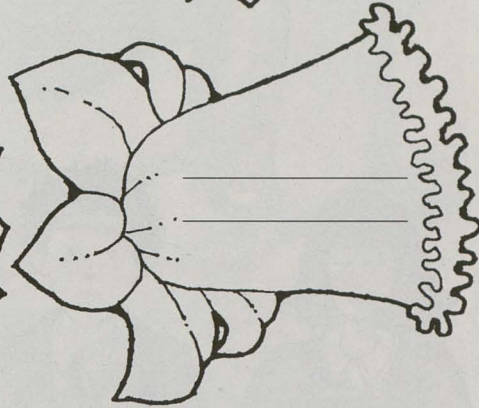
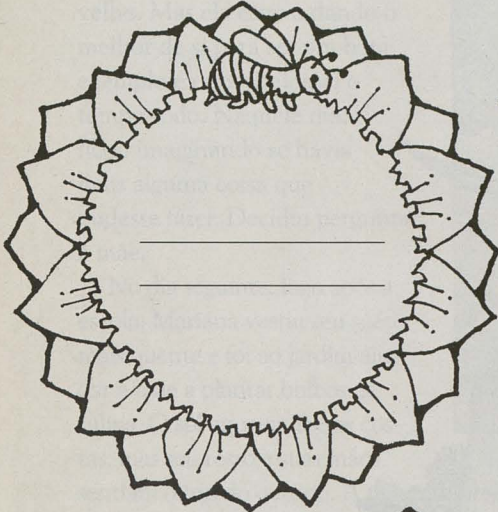
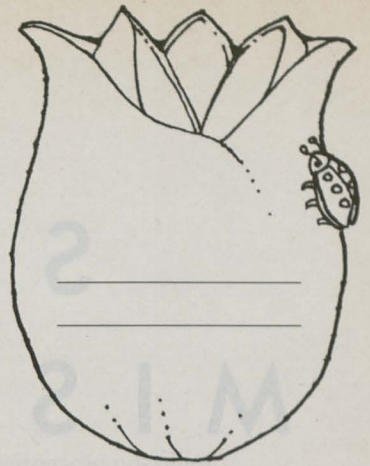
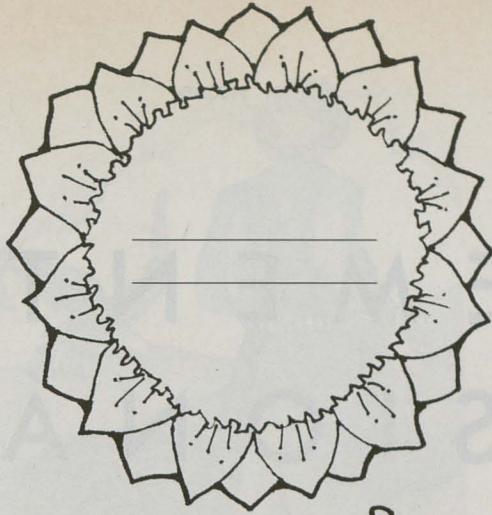
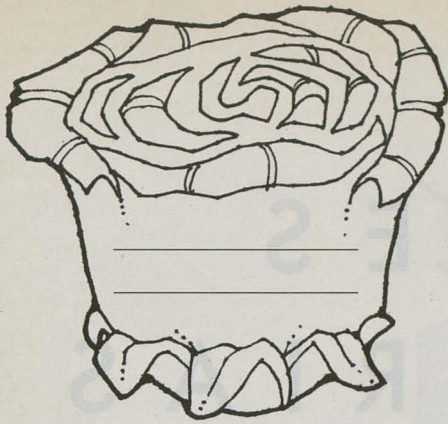
Para ajudá-lo a ler as escrituras todos os dias, crie um buquê de escrituras. Ao encontrar um versículo que lhe agrade, pense em uma palavra que o ajude a lembrá-lo, copie a palavra e a referência em uma flor (por exemplo—*sacramento*, D&C 20:75–79), e pinte a flor. Após terminar todas as flores, recorte-as, faça caules de papel ou palha e cole um atrás de cada flor. Enfeite uma garrafa ou copo vazio e coloque ali o buquê. Desenhe suas próprias flores e junte-as ao buquê cada vez que ler as escrituras.

## Idéias para o Tempo de Compartilhar

1. Diga o nome de um dos livros das obras-padrão e peça às crianças que descubram se é do Velho Testamento, Novo Testamento, Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios ou Pérola de Grande Valor.

2. Mostre vários livros (de receitas, de escola, de biblioteca, ou outros livros da Igreja). Inclua as escrituras. Peça às crianças que digam por que cada livro é importante e o que cada um nos ensina. Converse sobre o que as escrituras têm de semelhante e de diferente dos outros livros.

3. Peça às crianças que desenhem uma gravura ilustrando os termos que se seguem, para adicioná-los ao “Meu Livro das Regras de Fé” (ver *Tempo de Compartilhar*, fevereiro de 1995, página 13): escrituras; Bíblia; Livro de Mórmon; Doutrina e Convênios; Pérola de Grande Valor (ver definição no texto acima). □



# SEMENTES MISSIONÁRIAS

Gayelynn Watson

Mariana aconchegou o suéter junto ao corpo na volta da igreja para casa. Ela adorava o outono. O ar estava frio e revigorante, as folhas das árvores haviam-se tornado alaranjadas e amarelas, e a camada de neve no topo das montanhas refletia a luz do sol.

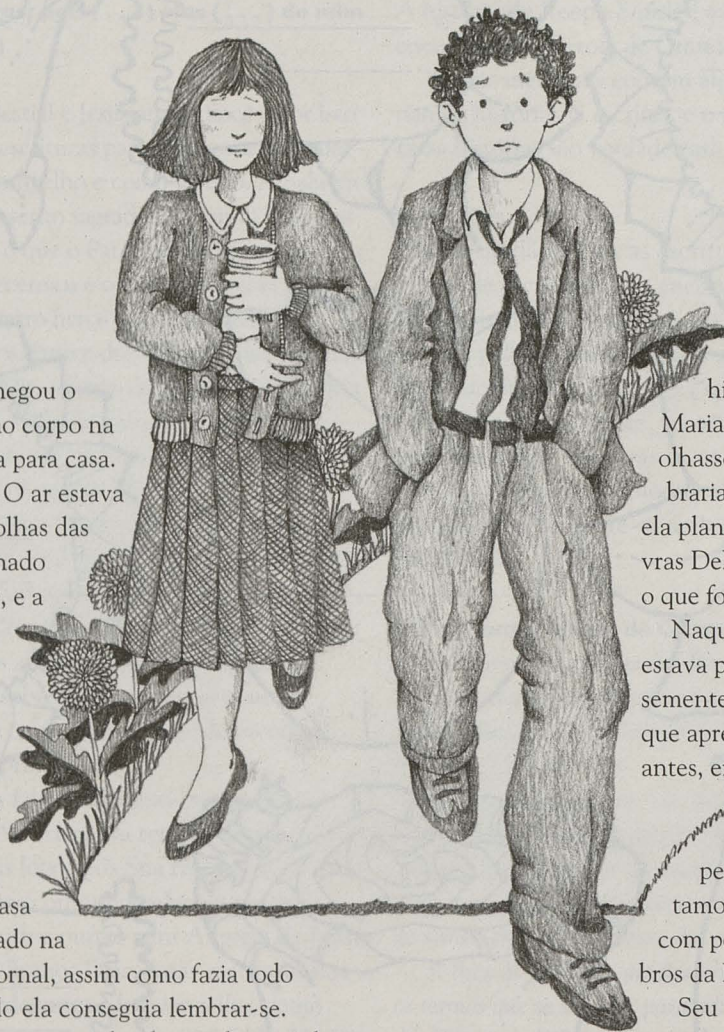
Seu irmão mais velho andava na frente; a mãe ficara na biblioteca da capela. Mariana sabia que quando chegasse em casa encontraria o pai sentado na sala de estar, lendo o jornal, assim como fazia todo domingo, desde quando ela conseguia lembrar-se.

Suspirou e olhou para o copinho de papel que tinha na mão. Jesus sempre ensinara o evangelho falando de sementes. Naquele dia, a professora da Primária havia ajudado os alunos a plantarem sementes e contou-lhes a

história de Alma sobre a fé. Mariana sabia que sempre que olhasse para sua plantinha, lembraria que Jesus desejaria que ela plantasse no coração as palavras Dele e que sempre escolhesse o que fosse certo.

Naquele momento, entretanto, estava pensando em outro tipo de semente—sementes missionárias que aprendera algumas semanas antes, em uma atividade da Primária. A presidente da Primária falara a respeito das semente que plantamos quando conversamos com pessoas que não são membros da Igreja.

Seu pai não era membro e ela queria ajudá-lo a ganhar um testemunho. Pensou nas coisas que dizia e fazia quando estava com ele. Algumas vezes se esquecia de obedecer-lhe prontamente, outras vezes brigava com o irmão mais



velho. Mas ela estava dando o melhor de si para ser um bom exemplo e orava pelo pai o tempo todo. Naquele dia, ficou imaginando se havia mais alguma coisa que pudesse fazer. Decidiu perguntar à mãe.

No dia seguinte, logo após a escola, Mariana vestiu seu suéter mais quente e foi ao jardim ajudar a mãe a plantar bulbos de tulipa. O sol aquecia-lhe as costas, mas seu rosto e suas mãos sentiam o frio do outono. A mãe cantarolava enquanto cavava os buracos. Mariana punha os bulbos e cobria-os com a terra escura e fria.

“Estou feliz por ter vindo ajudar-me”, disse a mãe, sorrindo. “Quando crescerem, na primavera, as tulipas serão duas vezes mais bonitas porque as plantamos juntas.”

Mariana sorriu e disse: “Mãe, lembra-se da atividade da Primária algumas semanas atrás?”

“A atividade missionária?”

“Sim, falamos a respeito de ser um bom exemplo para nossos amigos não-membros e compartilhar nosso testemunho.”

“É muito bom fazermos isso.”

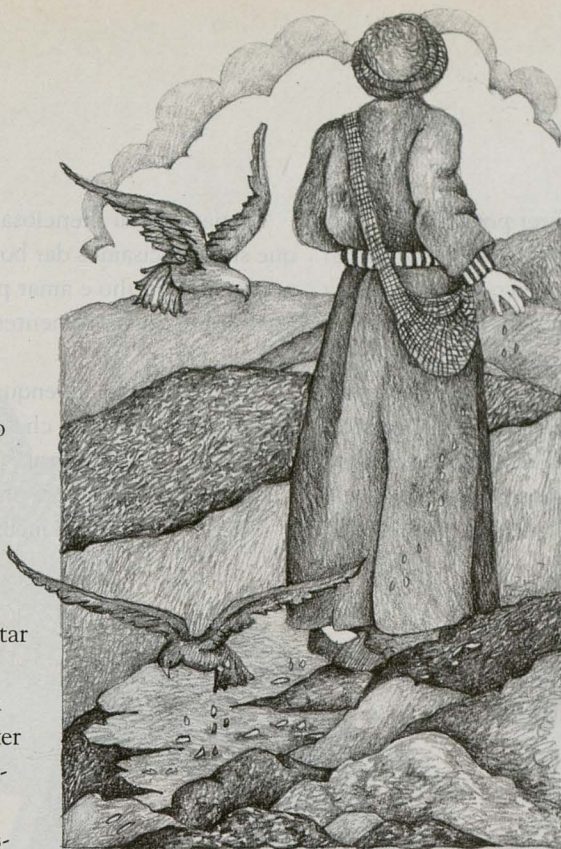
“Bem, penso se há algo mais que eu devesse estar fazendo . . . sabe, pelo papai, para que ele seja membro também.”

A mãe pensou por um instante. “Acho que estamos fazendo tudo o que podemos.”

“Bom, então quando ele vai ser batizado?”

“Só precisamos ser pacientes, Mariana. Às vezes leva tempo.”

Mariana ficou confusa. Ela possuía um forte testemunho de que a Igreja era verdadeira. Se ao menos pudesse dizer e mostrar ao pai. Por que ele não percebia como isso era certo? Torceu o nariz e olhou para a mãe, com



ILUSTRADO POR SHAINA MOONEY KAWASAKI

interrogação nos olhos.

A mãe sorriu-lhe. “Mariana, vá até meu quarto e pegue minhas escrituras. Vamos ver se achamos alguma resposta.”

Levou apenas um momento para buscá-las. Sentou-se no degrau do alpendre e entregou os desgastados livros à mãe.

Limpando a sujeira das mãos, a mãe virou cuidadosamente as páginas. Entregou o livro a Mariana e disse: “Leia em voz alta Mateus 13:3-8”.

“E falou-lhe de muitas coisas por parábolas, dizendo: Eis que o semeador saiu a semear.

E, quando semeava, uma parte da semente caiu ao pé do caminho, e vieram as aves, e comeram-na;

E outra parte caiu em pedregais, onde não havia terra bastante, e logo nasceu, porque não tinha terra funda;

Mas, vindo o sol, queimou-se, e secou-se, porque não tinha raiz.

E outra caiu entre espinhos, e os espinhos cresceram, e sufocaram-na.

E outra caiu em boa terra, e deu fruto (. . .).”

“Que acha que esta parábola está dizendo?”, perguntou a mãe.

“Bem, diz que nem todas as sementes que foram plantadas cresceram. Algumas não tiveram bom solo, outras foram sufocadas por espinhos e outras ainda foram comidas pelos passarinhos.” Ela fez uma pausa e depois, com um olhar temeroso, perguntou: “Quer dizer que pensa que nossas sementes não vão crescer? Que papai nunca entrará para a Igreja?” Lágrimas começaram a encher-lhe os olhos.

“Não, Mariana. Acredito que seu pai entrará para a Igreja. Só não sei quando. Veja, as sementes que plantamos são muito importantes, mas o solo também é. O coração deve estar pronto para receber. Seu pai deve

fazer isso sozinho; ninguém pode fazer por ele nem forçá-lo.”

“Mas o papai é o melhor!”

“É verdade. Ele é um homem maravilhoso.” A mãe refletia, enquanto voltava para o canteiro de flores e começava a colocar os bulbos nos buracos. “Olhe para estes bulbos que estamos plantando. Eles não vão crescer agora. Independente do quanto cuidemos deles, precisam ficar dentro da terra durante todo o inverno para crescerem na primavera. Entende?”

Mariana ficou silenciosa por um minuto. “Acho que sim. Precisamos dar bom exemplo, compartilhar nosso testemunho e amar papai. Depois, precisamos esperar até que as sementes estejam prontas para crescer, certo?”

“Sim, está certo. E, enquanto esperamos, continuamos a apoiá-lo como o chefe de nossa casa.”

“E ainda podemos orar.”

“Sim, querida, sempre oramos. Isso ajudou?”

“Sim, sinto-me bem melhor.”

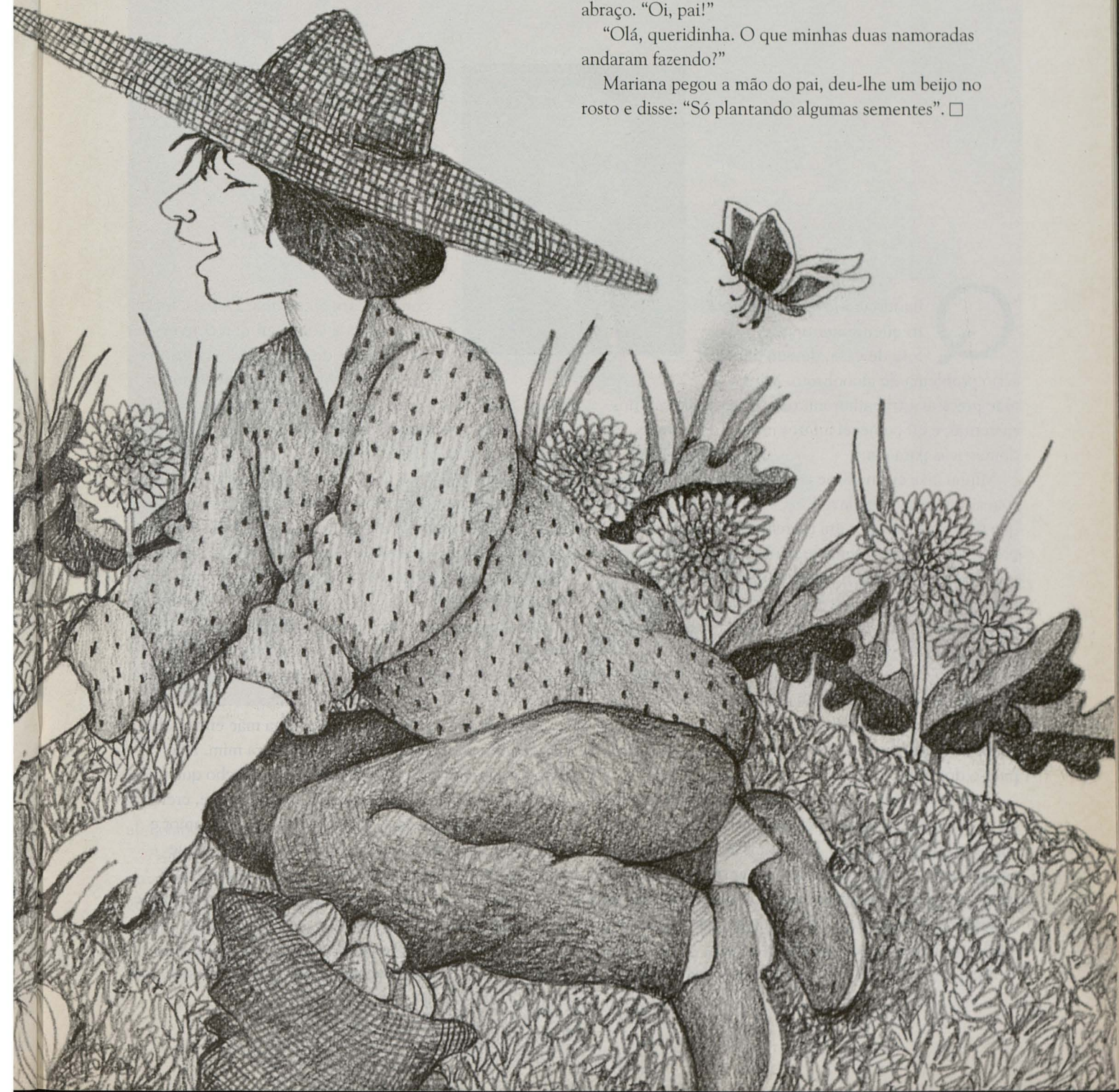


“Ótimo. Parece que estamos quase acabando. Vamos terminar de uma vez e preparar um belo jantar de boas-vindas para seu pai, quando chegar do trabalho.”

Enquanto Mariana punha os últimos talheres na mesa, o pai entrou na garagem. Ela correu e deu-lhe um abraço. “Oi, pai!”

“Olá, queridinha. O que minhas duas namoradas andaram fazendo?”

Mariana pegou a mão do pai, deu-lhe um beijo no rosto e disse: “Só plantando algumas sementes”. □



# ÉLDER VAUGHN J. FEATHERSTONE

De uma entrevista do Élder Vaughn J. Featherstone, dos Setenta, a Rebecca M. Taylor.



**Q**uando era jovem, meu pai freqüentemente ficava fora de casa, devido a um sério problema de alcoolismo. Minha mãe precisava trabalhar em tempo integral para nos sustentar, e eu comecei a fazer muitas das tarefas domésticas para ela.

Minha mãe ensinou-me como esfregar o chão e lavar roupas em uma velha lavadora. Naqueles dias, tínhamos que passar a roupa por um espremedor na máquina e precisávamos tomar cuidado para não prender os dedos, pois poderíamos feri-los seriamente. Nós sempre lavávamos e enxaguávamos as roupas duas vezes. Ao pendurá-las para secar, esperávamos que ficassem tão brancas quanto as do vizinho.

Minha mãe não era membro da Igreja naquela época e deixou-nos decidir se queríamos freqüentar a Igreja ou não. Eu decidi ir. Passava todas as minhas roupas e lustrava meus sapatos a fim de me preparar para o domingo.

Quando eu tinha cerca de onze anos, vários parentes de minha mãe chegaram à cidade para jantar conosco em uma noite de sábado. Tais visitas eram raras, e ela passou todo o dia preparando o jantar. Fez carne de panela com legumes, purê de batatas com molho, saladas, pãezinhos e sobremesa. Cozinhou o dia inteiro, e logo a louça suja começou a se empilhar.

Após o jantar, todos levaram o que restou da

comida para a cozinha. Depois, foram para a sala e começaram a conversar. Lembro-me de ter voltado à cozinha, pensando: “*Minha mãe trabalha a se-*

*mana inteira e agora vai ter que lavar a louça tarde da noite, depois que todos forem embora.*” Então eu pensei: “*Vou lavar a louça para ela.*”

Naquela época, não tínhamos uma lavadora de louças; a lavadora de louças era eu ou alguma outra pessoa. Enchi a pia e comecei a lavar. Fiquei ali por três horas, lavando tudo—e aprendi que, quando pratos ou panelas estão sujos, é melhor lavá-los imediatamente, antes que a comida endureça!

Finalmente, terminei de secar o último prato, enxugar toda a pia e esfregar o chão. Ouvi os parentes caminhando para o alpendre e minha mãe despedindo-se deles.

A porta da cozinha se abriu e minha mãe entrou. Ela parou, olhou em volta e então olhou para mim. Não posso descrever a expressão de seu rosto. Acho que primeiro foi choque, depois gratidão, e, finalmente, creio que foi mais do que isso. Foi um sentimento de amor e orgulho e algo mais que não pude avaliar. Acho que vocês compreendem. Havia uma luz nos olhos dela. Decidi então que gostaria de sempre colocar aquela espécie de luz no rosto das pessoas.

Minha mãe abraçou-me e agradeceu-me, e fui para a cama contente e feliz, sabendo que ela não teria que ficar



ILUSTRADO POR RICK GRAHAM

ali lavando louça até as duas horas da madrugada.

Aprendi que prestar serviço aos membros da família é uma das atitudes cristãs que podemos tomar. É fácil ser gentil com as pessoas de fora—nós provavelmente jamais as ofenderíamos. Entretanto, tampouco deveríamos ofender os que vivem conosco. Deveríamos amá-los e servi-los tanto quanto nos for possível.

Crianças podem aprender a acender a luz nos olhos de seus pais e familiares. Quando vocês forem à Igreja, orem e estudarem as escrituras, e quando mantiverem seu quarto arrumado e limpo, irão notar que seus pais ficam felizes e parecem brilhar quando vocês estão por perto. Eles os amam e apreciam mais ainda pelas coisas que vocês fazem. □

# O CARTÃO DE AGRADECIMENTO DE BETO

Clare Mishica



"O que esta fazendo?" Perguntou Beto a sua irmã mais velha, Jéssica.

"Escrevendo um cartão de agradecimento para o vovô, pelo meu presente de aniversário."

"Quero escrever um também."

"Você ainda não sabe escrever", disse Jéssica. "Além disso, escrevemos cartões de agradecimento para quem nos dá um presente, e não foi seu aniversário."

"Oh", disse Beto, pensativo.

Então, começou a sorrir. "Conheço alguém para quem eu posso fazer um cartão de agradecimento. Volto já."

Um minuto depois, Beto espalhou lápis de cera, canetas e uma grande folha de papel branco sobre a mesa.

"E agora, o que está fazendo?"

Jéssica suspirou, afastando-se.

"Uma gravura de agradecimento.

Não sei escrever, mas sei desenhar."

"A quem está agradecendo?"

"É uma surpresa". Beto segurou

um lápis de cera amarelo, desenhou um sol redondo e coloriu-o. Depois, com as canetas, fez uma casa vermelha com duas janelas azuis e uma porta.

Jéssica deu uma olhadela. "Eu sei para quem é esta gravura. É para nosso pai".

"Não", disse Beto, sorrindo. Ele desenhou seu gato preto, Pepper, e o balanço pendurado no grande carvalho.

"Aposto que essa gravura é para nossa mãe", disse Jéssica.

"Não", Beto pegou um lápis de cera azul e coloriu pássaros voando no céu e o laguinho perto da casa deles.

"Terminei", disse Jéssica, colocando seu bilhete em um envelope. "Agora, tenho que colocar o endereço de vovô e remetê-lo."



ILUSTRADO POR JULIE YOUNG

"Também terminei", disse Beto, pintando um sapo ao lado do laguinho.

"Aposto que essa gravura é para sua professora da escola", Jéssica afirmou.

"Não", respondeu Beto. "É para alguém que me dá coisas diferentes a cada dia. É uma gravura de agradecimento para o Pai Celestial."

Jéssica sorriu. "Você está certo, Beto. Ele realmente nos dá todos os tipos de presentes".

"Acha que Ele gosta da minha gravura de agradecimento?"

"Certamente que sim. Todos gostam quando se diz obrigado."

Beto sorriu. "Ajude-me a pendurar minha gravura para que o Pai Celestial possa vê-la, e eu ajudarei você a enviar a sua". □







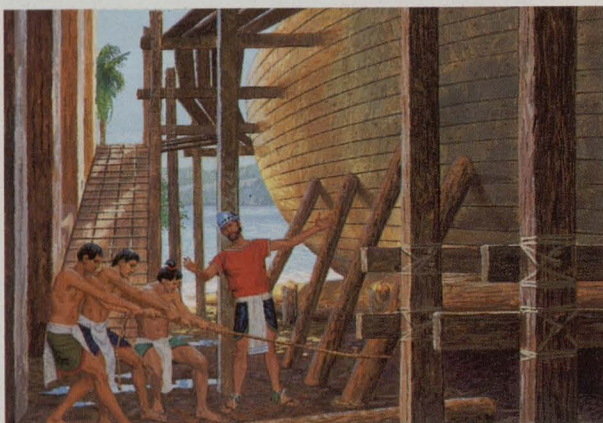
HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON



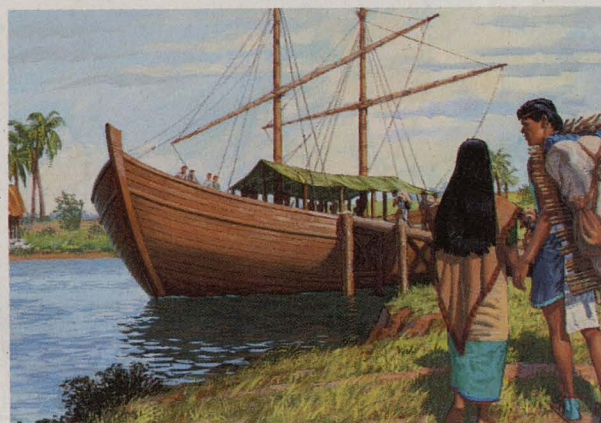
## Hagote



Cinco mil e quatrocentos homens nefitas, suas mulheres e filhos deixaram a terra de Zarahemla e viajaram para o norte.  
Alma 63:4



Um deles, chamado Hagote, construiu um grande navio e lançou-o ao mar do oeste.  
Alma 63:5



Muitos nefitas levaram comida e provisões e navegaram no navio rumo ao norte.  
Alma 63:6



ILUSTRADO POR JERRY THOMPSON

Hagote construiu outros navios que levaram pessoas para a terra do norte. Seu primeiro navio retornou e levou mais pessoas para o norte.  
Alma 63:7



Outro navio partiu; nenhum deles retornou. Os nefitas não souberam o que aconteceu aos navios.  
Alma 63:8

## “MAIS TRISTE AO PECAR”

“Não volvereis a mim agora, arrependendo-vos de vossos pecados e convertendo-vos, para que eu vos cure?” (3 Néfi 9:13)

**H**á mais de 2.500 anos, o profeta Néfi explicou a condição comum a todos os que padecem por causa do pecado:

“Oh! Que homem miserável sou! Sim, meu coração se entristece por causa de minha carne; minha alma se angustia por causa de minhas iniquidades”. (2 Néfi 4:17)

Néfi, porém, também sabia que havia esperança, sabia que a alegria e a paz eram possíveis por meio da expiação de Jesus Cristo:

“Meu coração geme por causa de meus pecados; não obstante, sei em quem confiei (. . .).”

Regozija-te, ó meu coração, e clama ao Senhor, dizendo: Ó Senhor, eu te louvarei para sempre! Sim, minha alma regozijar-se-á em ti, meu Deus e rocha da minha salvação”. (2 Néfi 4:19, 30)

### A TRISTEZA PELO PECADO LEVA AO ARREPENDIMENTO

O Pai Celestial sabia que pecaríamos, por isso deu-nos o dom do arrependimento. A tristeza que sentimos quando admitimos que quebramos as leis de Deus ajuda-nos a iniciar o processo do arrependimento. Esse processo pode incluir embaraço, vergonha, remorso e até agonia. Trata-se do tipo de tristeza que nos inquieta “com aquela preocupação que [nos] levará ao arrependimento” (Alma 42:29), “porque a tristeza segundo Deus opera arrependimento para a salvação” (II Coríntios 7:10).

O Presidente Gordon B. Hinckley disse que o arrependimento “é um ato que significa tristeza, tristeza divina, remorso, restituição e resolução. Envolve orações que supliquem perdão, assim como promessas, sinceras e honestas, de tornar-se melhor” (*Ensign*, setembro de 1994, p. 76).

Quanto mais perto estamos de nosso Pai Celestial, mais somos capazes de sentir esse tipo de tristeza. Ao buscarmos o Espírito Santo e tentarmos viver o evangelho, veremos mais claramente as consequências do pecado, que incluem a ausência do Espírito Santo. Uma irmã aprendeu esse princípio orando honestamente por orientação. “Enquanto eu orava”, disse ela, “comecei a sentir-me triste pelos

‘pequenos’ pecados que ignorara ou racionalizara. Percebi que essas coisas pequenas estavam impedindo que eu estivesse tão perto do Pai Celestial quanto queria estar”.

### O ARREPENDIMENTO TRAZ ALEGRIA

Quando nos arrependemos, não somente abandonamos o pecado, mas também nos voltamos para Jesus Cristo em busca de Seu poder purificador e curador. O Presidente Howard W. Hunter convidou todos “os que transgrediram ou que foram ofendidos”, a retornar. “O caminho do arrependimento, embora difícil, às vezes, sempre eleva e guia ao perdão perfeito” (*A Liahona*, janeiro de 1995, p. 7).

No Livro de Mórmon, o arrependimento de Alma “ergueu-o para o alto” quando ele se lembrou dos ensinamentos de seu pai sobre a expiação de Jesus Cristo. “E oh! que alegria e que luz maravilhosa contemplei! Sim, minha alma encheu-se de tanta alegria quanta havia sido minha dor”. (Alma 36:20)

Podemos ter paz, esperança e alegria como Alma, quando usamos o poder expiatório e misericordioso de Cristo.

- Como o sentimento divino de tristeza nos leva ao arrependimento?
- Como podem a compreensão e a aceitação da expiação de Jesus Cristo dar-nos paz, alegria e esperança? □

ILUSTRADO POR LAVON THORNTON



# ÉLDER JEFFREY R. HOLLAND

*Do Quórum dos Doze Apóstolos*

Don L. Searle

**C**onhecer o Élder Jeffrey R. Holland, do Quórum dos Doze Apóstolos, é descobrir um amigo caloroso, simpático e animado. Para realmente conhecê-lo, porém, é necessário conhecer suas raízes.

## UM MENINO OBEDIENTE

Élder Holland criou-se em St. George, Utah, numa casa que seus pais literalmente construíram com as próprias mãos. Por parte de mãe, descende de pioneiros SUD que conseguiram cultivar o solo árido da parte sul de Utah. Entre esses pioneiros estavam Richard Bentley, um dos primeiros prefeitos de St. George; William Snow e Robert Gardner, os primeiros colonizadores de Pine Valley, próximo a St. George; e William Carter, o primeiro homem a usar o arado nos vales de Lago Salgado e de St. George.

O pai de Jeffrey Holland, Frank, foi um tipo diferente de pioneiro. Irlandês converso à Igreja, Frank encerrou seus estudos na sétima série, mas buscou diligentemente mais instrução por conta própria, tornando-se um conhecido contador e líder cívico em St. George. Alguns que foram influenciados por Frank ainda falam da grandeza de seu amor pelo Livro de Mórmon e lembram-se de suas aulas na Escola Dominical. Era o tipo de pai que ajudava a organizar equipes de beisebol de crianças. Ele começou a fazer isso depois que seu filho lamentou a falta de equipes para crianças da sua idade.

Assim, os três filhos vivos de Frank D. e Alice Bentley Holland —Dennis, Jeffrey e Debbie— desfrutaram uma herança dupla de força. (Scott Bentley Holland,

nascido entre Jeffrey e Debbie, morreu ainda bebê.)

Debbie Holland Millet diz que sua mãe personificou o ideal de “sempre dar de si, sem qualquer esperança de recompensa. Jeff é assim também”. Do pai, Dennis e Jeff herdaram o encanto e inteligência dos irlandeses, conta ela. “Eles conseguem transformar os incidentes do dia-a-dia em histórias que nos fazem chorar de rir”. E Jeffrey tem sua própria “exuberância espiritual”, que lhe abre caminho para uma contemplação silenciosa, quando se concentra nas coisas da eternidade.

Quem conhece o Élder Holland concorda que sua personalidade é uma mistura ímpar de perspicácia, calor, abnegação e espiritualidade. O Presidente James E. Faust, da Primeira Presidência, um amigo de muitos anos, diz que o Élder Holland “tem uma profunda espiritualidade, associada a uma excepcional sensibilidade”, o que o torna capaz de ver ou sentir coisas que outros podem não notar. Professor nato, está sempre “elevando as pessoas e atraindo-as. Ele tem a maravilhosa capacidade de fazê-las sentir que são seus melhores amigos”.

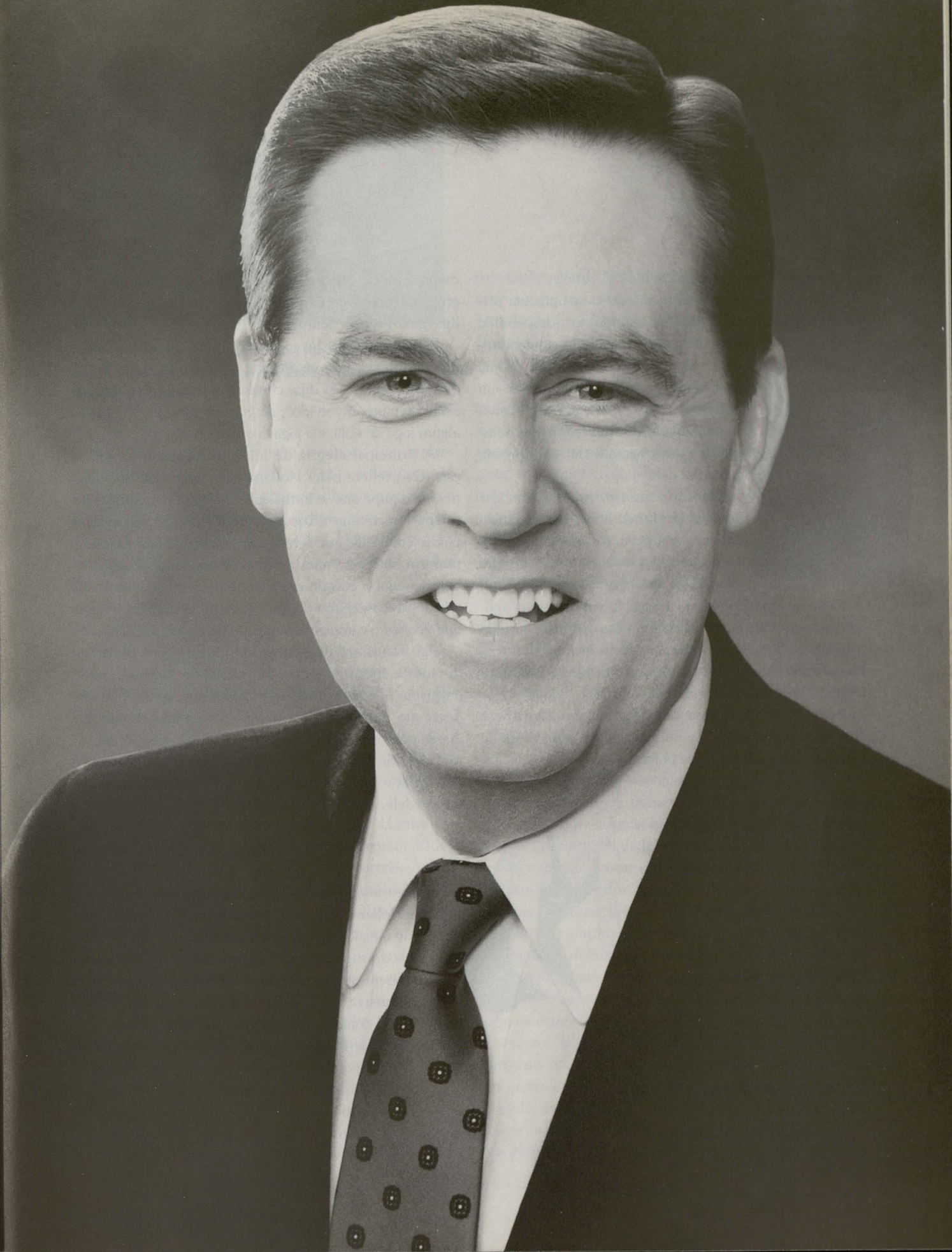
Além disso, observa o Presidente Faust, “Élder Holland tem Irmã Holland. Ela é a companheira perfeita para ele. São um casal exemplar”.

O ponto alto do relacionamento deles talvez seja o modo como ajudaram a moldar e edificar um ao outro ao longo dos anos em que suas vidas se entrelaçaram.

Jeffrey Roy Holland nasceu a 3 de dezembro de 1940 e criou-se no pequeno município rural de

**Com o filho David, durante um importante jogo da equipe de futebol americano da BYU, em 1980.**





St. George. "Tive uma infância idílica", diz ele.

Embora pusesse os pais e os irmãos sempre em primeiro lugar, boa parte de seus esforços era despendida em prol de seu trabalho e da comunidade. Élder Holland lembra-se de sua mãe como a âncora do lar. Em sua infância, o amor dela era algo constante, uma força orientadora que sempre lhe dava vontade de ser o que ela pensava dele.

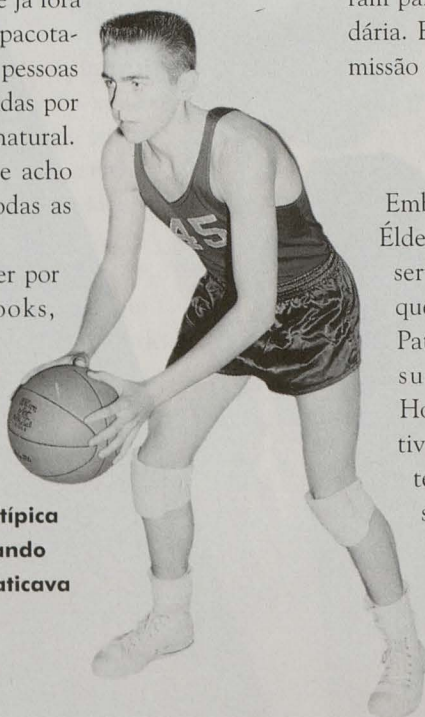


Era um menino obediente, diz Alice Holland. Uma vez, quando jovem, ela permitiu que ele fosse a uma festa, com a condição de que estivesse em casa às dez. Na festa, quando olhou o relógio e viu que tinha apenas quinze minutos para chegar em casa, atravessou toda a cidade de St. George correndo. "Ele nunca me deu problema", diz Alice. "Estava sempre na Igreja e sempre cumpriu seus deveres do sacerdócio".

E era amigável. As criancinhas gostavam dele porque ele era bom para elas. Quando trabalhava num posto de gasolina como frentista (ele já fora entregador de jornais e empacotador em supermercado), as pessoas sempre queriam ser atendidas por ele. Sua cordialidade era natural. "Semprei amei as pessoas e acho que acabei conhecendo todas as de St. George", diz ele.

Jeff Holland era um líder por natureza, diz Karl Brooks, um administrador da Faculdade Dixie e

**O jovem Jeffrey Holland, acima, teve uma infância típica de cidade do interior. Quando adolescente, à direita, praticava esportes.**



ex-prefeito de St. George. "Jeff era capaz de guiar seu grupo para fora ou para dentro da Igreja e sempre escolheu guiá-los para dentro".

Enquanto alguns jovens achavam que viver o evangelho significava não se divertir, "Jeff Holland mostrava que se podia fazer as duas coisas. Interessava-se por tudo, estava sempre envolvido", diz o irmão Brooks. "Se havia algum jogo de bola, ele jogava ou assistia".

"A principal alegria de minha juventude foram os esportes", reflete Élder Holland. "Eu jogava em qualquer tipo de equipe que se formasse". Ele jogou nas equipes de futebol americano e basquetebol da Escola Secundária Dixie, em 1958, que foram campeãs estaduais. Ganhou também outros prêmios de futebol americano, basquetebol, beisebol e corrida em terreno acidentado. Após sua missão, foi o capitão adjunto da equipe de basquetebol que venceu o campeonato interno da Faculdade Dixie.

Um benefício de seu envolvimento em esportes durante a época da escola foi que isso o manteve perto da jovem que mais tarde se tornaria sua esposa. Patricia Terry era uma líder de torcida das equipes da escola. Assim que os pais dela, Maeser e Marilla Terry, se mudaram para St. George, ela matriculou-se na escola secundária. Ela e Jeff namoraram durante dois anos antes da missão dele.

#### PROFESSOR POR NATUREZA

Embora fosse ativo na Igreja e gostasse do seminário, Élder Holland atribui à fé de Pat sua decisão final de servir missão, numa época em que não se esperava que todo rapaz digno fosse missionário. Os pais de Pat dizem que sua profunda fé sempre fez parte de sua natureza, mesmo quando criança. Élder Holland comenta: "Jamais conheci uma pessoa que tivesse uma fé mais pura, vigorosa e profunda". No tempo em que namoravam, Pat sabia que ele devia servir missão, mesmo antes de ele próprio estar certo disso.

Ele considera seu serviço na Missão Britânica como "o momento espiritual decisivo de



**Frank e Alice Holland (na frente) no meio da década de 70, com os três filhos vivos: Jeffrey (esquerda), Debbie e Dennis.**

minha vida—o começo de meus começos”, em termos de maturidade no evangelho. Sob a liderança do Presidente T. Bowring Woodbury, ganhou experiência e maturidade como missionário. Depois, com a chegada de um novo presidente de missão—Élder Marion D. Hanks, dos Setenta—o futuro do Élder Holland mudou para sempre.

“O Presidente Hanks ensinou-me a amar as escrituras, especialmente o Livro de Mórmon”, diz Élder Holland. “Ele teve uma profunda influência em minha vida.” Antes da missão, Élder Holland pensava em tornar-se médico. Contudo, explica, “voltei da missão crendo que Deus queria que eu fosse professor.”

“Élder Holland é professor por natureza”, diz Élder Hanks, atualmente membro emérito dos Setenta. “É um cavalheiro, um erudito e um diplomata—e em todas essas coisas ele é um professor.”

Como seu presidente de missão, Élder Hanks viu algumas qualidades excepcionais no jovem Élder Holland e incluiu-o numa equipe de instrutores viajantes. Sua designação era ajudar outros missionários a tornarem-se discípulos de Jesus Cristo. Élder Hanks diz que Jeffrey Holland, “mesmo tão jovem, floresceu no discipulado, espelhando-se em Jesus Cristo” e atendeu diligentemente ao apelo de seu presidente de missão de ensinar pelo Livro de Mórmon. Élder Hanks diz que o amor do Élder Holland por esse livro e sua capacidade de transmitir seus ensinamentos continuaram fortalecendo-se ao longo dos anos.

Frank e Alice Holland foram chamados para a Missão Britânica enquanto seu filho ainda estava lá. Alice ri quando se lembra de que seu filho afirmava ser o único missionário, em todos os tempos, que disse adeus aos

pais tanto na ida quanto na volta da missão. Eles ainda estavam na missão quando Jeff e Pat se casaram no Templo de St. George, a 7 de junho de 1963. (Frank Holland ainda viu nascer os filhos de seu filho, mas faleceu em 1977, aos 66 anos.)

Como muitos outros casais jovens, Jeff e Pat ainda enfrentaram anos de estudo na Universidade Brigham Young. Perto da formatura, em 1965, ele não se sentia ansioso para tornar-se professor de inglês, sua especialização acadêmica. Teve, então, a oportunidade de ensinar religião meio-período na BYU, enquanto se preparava para o mestrado em instrução religiosa. Considerou isso uma resposta a suas orações e, quando se formou, em 1966, sentiu-se privilegiado ao ser contratado como professor do instituto no Sistema Educacional da Igreja.

Após um ano em Hayward, Califórnia, ensinando em vários institutos da área, foi nomeado diretor do instituto de Seattle. O atual Presidente do Templo de Seattle, Brent Nash, que fora chamado como presidente de estaca naquela época, diz que Jeffrey Holland conseguiu ajudar muitos jovens membros que poderiam ter caído no anonimato no campus. “Os jovens eram atraídos por ele. Se ele conseguia levar alguns daqueles jovens para o instituto, o evangelho transformava-os”.

Foi uma época em que comentários de pessoas mal-informadas sobre a Igreja haviam gerado controvérsia no campus, mas a habilidade do jovem diretor do instituto em fazer amigos e tocar corações ajudou a apagar os sentimentos adversos dos estudantes e organizações ligadas a outras religiões. Ele tornou-se um orador procurado para serões e outros programas da Igreja, e a esposa frequentemente discursava com ele.

Previendo uma carreira na área de ensino que lhe tomaria a vida toda, porém, Jeff decidiu que necessitava de mais estudo, incluindo o grau de doutorado. Anos antes, na BYU, ele examinara um catálogo da Universidade de Yale e sentira que um dia iria para lá. Um professor da Universidade de Washington, formado em Yale, recomendou-o para o programa de Estudos Americanos de Yale, e a família Holland mudou-se para New Haven, Connecticut, em 1970.

## APRENDENDO A SERVIR

Os primeiros anos do casamento de Jeff e Pat Holland foram para ambos uma época de desenvolvimento no serviço da Igreja.

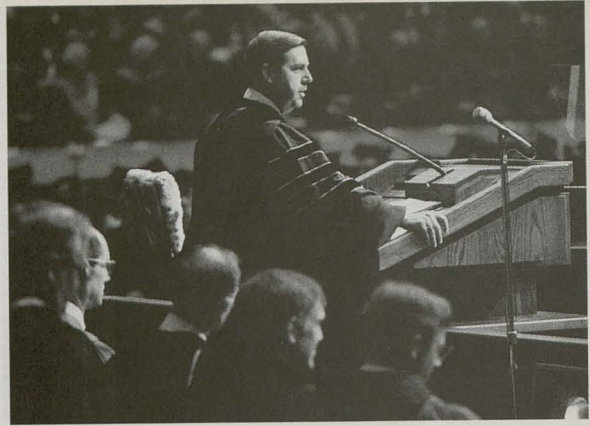
Na ala de estudantes que freqüentavam na BYU, ela foi presidente da Sociedade de Socorro. Em Seattle, ele foi bispo da ala de solteiros. Não muito tempo depois de se estabelecerem em New Haven, foi chamado para fazer parte da presidência da estaca. Pat serviu novamente como presidente da Sociedade de Socorro de sua ala.

Élder Holland diz que agora sabe que aquele chamado foi mais uma razão para ir para New Haven, na Nova Inglaterra. “O que *realmente* obtive foi um treinamento no governo da Igreja”—um rápido curso de como a Igreja era administrada em áreas onde fora estabelecida há pouco tempo. Durante uma visita a Connecticut, Maeser Terry observou que, embora o genro freqüentemente “viajasse muitas e muitas milhas” a serviço da Igreja “e chegasse em casa exausto”, sempre dava a seu chamado o melhor de si. A experiência ajudou-o a preparar-se para servir em duas outras presidências de estaca e como representante regional, antes de seu chamado como Autoridade Geral.

Mesmo assim, os que conheceram os Hollands durante os cinco anos que passaram em Seattle e New Haven dizem que a família era sempre a prioridade. Jeff Holland arranjava tempo para passar com os filhos, mesmo que isso significasse levá-los consigo para uma designação ou atividade da Igreja.

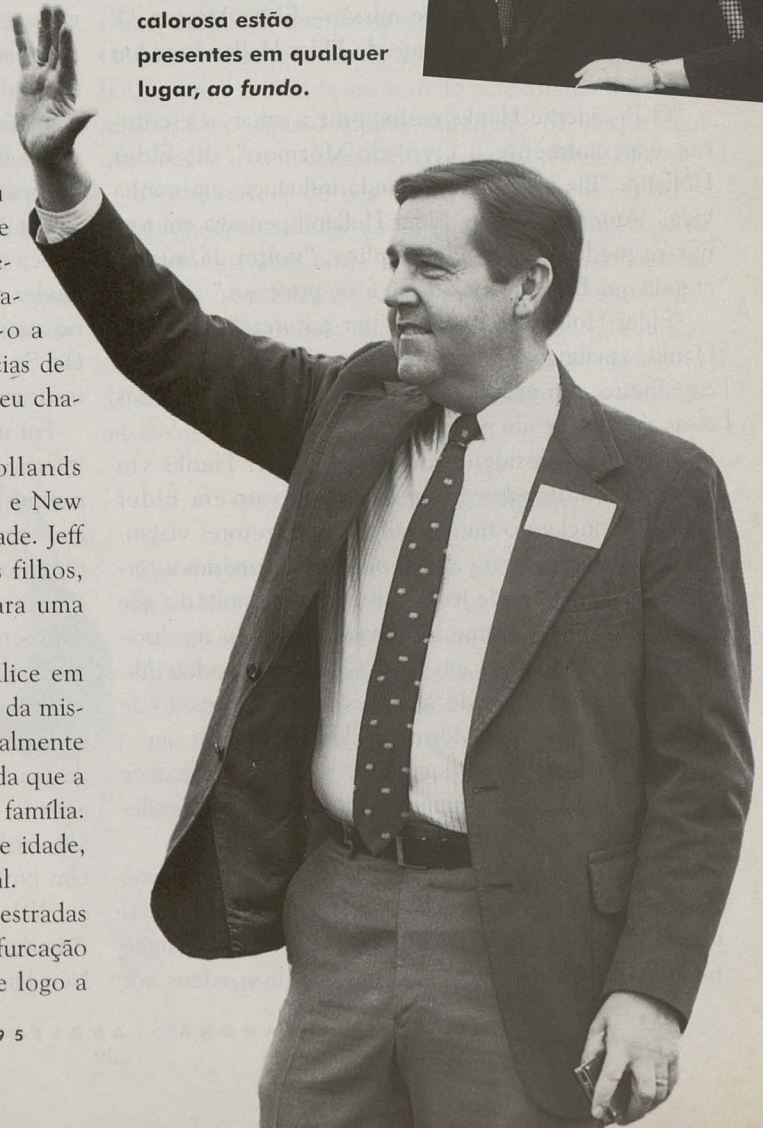
Matthew Holland nasceu em 1966, Mary Alice em 1969 e David Frank, que recentemente retornou da missão na República Tcheca, em 1973. Matthew, atualmente fazendo doutorado na Universidade Duke, recorda que a instrução espiritual era parte diária da vida da família. Numa excursão, quando tinha uns doze anos de idade, teve sua primeira experiência de revelação pessoal.

Voltando de uma viagem de exploração em estradas áridas, ele e o pai chegaram a uma inesperada bifurcação e não sabiam que caminho tomar. Era tarde e logo a



FOTOGRAFIA DE MARK A. PHILBRICK, BYU

**Cenas da vida de Jeffrey Holland nos anos 80: liderando uma grande universidade, acima, e com o Presidente Spencer W. Kimball, à direita. Sua natureza sociável e calorosa estão presentes em qualquer lugar, ao fundo.**



FOTOGRAFIA DE MARK A. PHILBRICK, BYU

escuridão os envolveria, numa região desconhecida. Aproveitando a oportunidade para ensinar, Jeffrey Holland pediu ao filho que orasse por orientação. Depois, perguntou ao filho o que sentira. Matt disse que sentira claramente que eles deveriam ir para a esquerda. Dizendo que sentira o mesmo, o pai virou o carro para a esquerda. Dez minutos depois, descobriram que aquela rota não tinha saída e fizeram a volta para tomar o outro caminho.

Matt ficou pensativo por algum tempo e depois perguntou ao pai por que tinham recebido aquele tipo de resposta para a oração. Seu pai respondeu que, com o sol se pondo, aquela foi sem dúvida a maneira mais rápida de o Pai Celestial dar-lhes a informação necessária—no caso, qual estrada era a *errada*. Agora, mesmo no escuro, ainda que a outra estrada lhes parecesse estranha e apresentasse trechos difíceis, eles poderiam prosseguir com confiança, sabendo que era a certa.

#### INFLUÊNCIA CADA VEZ MAIOR

Quando os Hollands deixaram New Haven e voltaram para Utah, no outono de 1972, Jeffrey entrou numa nova etapa de sua vida. Deu aula no instituto de Salt Lake durante alguns meses, antes de ser chamado como diretor da nova AMM do Sacerdócio de Melquisedeque da Igreja. Nesse cargo, trabalhou com Élder James E. Faust, Élder L. Tom Perry e Élder Marion D. Hanks. Élder Hanks observa que o trabalho de Jeffrey Holland teve um impacto significativo nos programas da Igreja para os adultos solteiros.

Depois, em 1974, foi nomeado reitor de Educação Religiosa da BYU. Embora fosse um reitor jovem e membro novo do corpo docente, tirou proveito de suas habilidades diplomáticas, incentivando um papel central e vigoroso da educação religiosa na universidade.

Em 1976, foi designado comissário de educação da Igreja. Depois, em 1980, foi chamado a uma reunião com a Primeira Presidência e ficou sabendo que deveria suceder a Dallin H. Oaks como presidente da BYU. Assustado, disse: “Presidente Kimball, deve estar brincando!”

O Presidente Kimball respondeu, ironicamente: “Irmão Holland, nesta sala não se brinca muito”.

“Gosto muito da BYU”, comenta o Élder Holland, por causa do espírito que sempre sentiu lá e o modo como a universidade tocou sua vida. Como membro do corpo docente e, depois, como presidente, encantava-se em ajudar os estudantes.

Como sempre, Irmã Holland esteve a seu lado durante os anos de BYU, fazendo suas maravilhosas contribuições. “Pat é uma pessoa extremamente caridosa”, diz o marido. “Durante toda a vida, ela dedicou ao próximo muito de seu tempo e seu amor”. A respeito de suas oportunidades de servir na BYU, Irmã Holland comenta: “Foi um privilégio—meu privilégio—amar tantas pessoas”. Ela e o marido ficaram conhecidos pelo modo como ajudavam os outros, em grupo ou individualmente. Entre os meios que usavam, houve uma série de reuniões especiais, que os alunos carinhosamente passaram a chamar de “O Espetáculo de Jeff e Pat”, em que o casal compartilhava conselhos, experiências e amor com milhares de estudantes, como se estivessem conversando com cada um deles cara a cara.

#### “SEMPRE BEM”

O compromisso deles com o serviço não era uma mera questão de publicidade diz um reitor-adjunto da BYU, Bruce C. Hafen, que cresceu em St. George e conheceu os Hollands a vida toda. Alguns podem querer saber se eles “estão sempre tão bem quando estão a sós e sob pressão quanto quando são o centro das atenções. A resposta é sim”.

Embora estivessem sempre à disposição de todos, os Hollands conseguiam manter um local privado para a família na casa do presidente, no campus. Era importante, diz a Irmã Holland, manter a vida familiar tão normal quanto possível. Ela tentava nunca ficar fora duas noites seguidas. A família e o lar eram tão importantes para ela, que foi um ato de fé e sacrifício aceitar o chamado de conselheira na presidência geral das Moças enquanto o marido servia como presidente da

universidade. "Tivemos que confiar no Pai Celestial", diz ela, em busca da certeza de que seria capaz de satisfazer a todas as exigências de seus diferentes deveres. Ela afirma que não teria sido bem sucedida se não fosse o apoio dos filhos e do marido.

Durante aqueles anos, os filhos dos Hollands sentiam que o pai estaria disponível sempre que precisassem dele. Mary Alice (atualmente Sra. Lee McCann, mãe dos dois netos dos Hollands) sentia-se livre para telefonar-lhe a qualquer hora que tivesse um problema ou necessidade. Sempre que um dos filhos do Élder Holland participava de uma peça de teatro, um recital ou qualquer outra atividade importante, ele comparecia.

Era o tipo de pai, diz Mary, que "planejava cuidadosamente comigo atividades de que sabia que eu gostava, mesmo que não fossem de sua preferência". Ele fortaleceu-a, enquanto ela crescia, ajudando-a a entender que ser mulher era uma honra e ser mãe, um privilégio.

David lembra-se da disposição do pai de sacrificar-se pelos filhos. Uma vez, Jeffrey Holland ficou vários dias longe de suas atividades na BYU, numa viagem para o sul de Utah somente com o filho mais novo. Mais tarde, logo após Élder Holland ser chamado como Autoridade Geral, enquanto a família se preparava para mudar, ele passou quase dois meses indo para o trabalho por um caminho mais longo, dirigindo uma hora mais do que o normal, só para levar David aos treinos de futebol em sua nova escola.

Matt diz que suas melhores lembranças são os momentos que a família passava à mesa, na hora das refeições. "Toda noite era uma espécie de noite familiar, regada de risos, memórias, conversas interessantes, testemunhos, ensino e expressões amorosas. Sempre sentíamos que nosso pai ficava mais feliz do que nunca quando estava em casa com a família".

Jeffrey Holland tirou do apoio da família a força de que necessitou durante os anos na BYU, quando era tão observado pelas pessoas. Participou, necessariamente de um número de organizações educacionais. Iniciou e liderou grandes obras públicas, incluindo uma campanha para o levantamento de um fundo de 100.000.000 de

dólares para a universidade. Ele ajudou a universidade a comemorar sucessos esportivos. Como presidente, arcou com o peso de fortes protestos contra a construção do Centro da BYU em Jerusalém; nesse processo, conquistou o respeito de muitos oponentes. Trabalhou no projeto com o Presidente Faust e o Presidente Howard W. Hunter, então Presidente do Quórum dos Doze. Aquela "doce associação" com o Presidente Hunter foi uma bênção ímpar em sua vida, diz ele.

#### "MINHA MAIOR ALEGRIA"

Esse convívio tornou-se mais próximo; e as bênçãos resultantes, mais ricas, quando Élder Holland foi chamado para o Primeiro Quórum dos Setenta, em 1º de abril de 1989.

Dennis Holland estava entre os que não se surpreenderam quando o irmão foi chamado para os Doze. "Tudo o que Jeff queria era ensinar o evangelho em uma sala de aula. Eu sempre soube que o Senhor tinha esse mesmo propósito para ele, mas o tamanho da sala de aula e o número de alunos estavam numa escala muito maior do que Jeff imaginava".

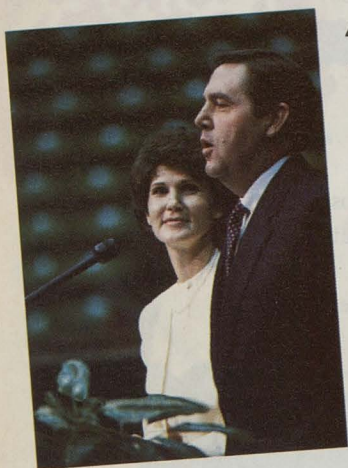
Os acontecimentos de 23 de junho de 1994 deixaram Élder Holland atordoado. Não havia qualquer ar especial no convite do Presidente Hunter para uma visita a seu escritório, às sete e meia da manhã. Ao meio-dia, porém, Élder Holland já fora chamado para o Quórum dos Doze, apresentado ao quórum e ordenado pelo Presidente Hunter.

Quando de seu chamado, ele se maravilhou com o vigor com que o Presidente Hunter dirigiu, precisa e rapidamente, os eventos da manhã. Era evidente "que o Senhor havia feito um milagre na vida de Howard W. Hunter", declara Élder Holland. Ele diz que sentiu um vigoroso testemunho de que o Presidente Hunter fora fortalecido, a fim de liderar a Igreja. "Vi a mão do Senhor sobre ele."

Mary McCann acredita que a focalização de seu pai no papel e missão de Jesus Cristo, aliada a sua "total dedicação" ao Senhor, ser-lhe-á de grande valia no novo



**Acima, Jeffrey Holland com a esposa Pat, e o filho mais velho, Matthew, em meados da década de 60. À esquerda, discursando para os estudantes, como presidente da BYU, com a esposa. Abaixo, com a família em 1989: Matthew, Pat e Mary (sentados); David e Jeffrey (em pé).**



FOTOGRAFIA DE MARK A. PHILBRICK, BYU

chamado. Ela diz que a forte dependência recíproca entre seu pai e sua mãe encoraja a ambos e ajudará seu pai a enfrentar os desafios diários.

Matt Holland diz que o ponto alto do relacionamento de seus pais é o respeito. “Minha mãe sujeita-se totalmente ao sacerdócio de meu pai; meu pai, por sua vez, sempre busca o conselho de minha mãe.”

Élder Holland diz que a sensibilidade espiritual, a inteligência, a profunda fé e o amor de sua mulher são bênçãos que ele desfruta. “Tem sido um prazer ser casado com ela.”

É verdade que eles fortalecem e alimentam um ao outro emocional e intelectualmente, afirma Irmã Holland, mas ela acrescenta que seu marido já está há muito tempo acostumado a viver pela fé. Ele exerce uma influência poderosa e edificante sobre as pessoas sem ânimo, ajudando-as a ver que há esperança por meio do Salvador. Ele enxerga os outros através das lentes da caridade. “Ele *acredita*—acredita nas pessoas, acredita em Deus, acredita que nosso Pai quer somente o nosso bem.”

Após a agitação dos eventos associados a sua ordenação, quando tudo se acalmou, Élder Holland passou por um período de introspecção que prolongou-se por algum tempo, em parte por causa do seu “indescritível respeito” pelo ofício ao qual fora ordenado. O chamado, reflete ele, requer que o membro dos Doze “seja uma testemunha do Senhor Jesus Cristo e de tudo o que Ele defende, tudo o que Ele é e tudo o que Sua Igreja representa. Isso envolve um enorme senso de responsabilidade”. Desperta um profundo desejo de “viver de acordo com a idéia que todo o cristianismo tem de um ‘Apóstolo’, nunca fazendo qualquer coisa que desmereça esse ofício”.

Ele diz que servir no ofício a que foi ordenando será um processo de refinamento que durará toda a vida. Ele inicia esse processo com determinação: “Dedico tudo o que possuo e tudo o que conheço para testificar a divindade do Salvador e a restauração de Seu evangelho. Minha maior alegria e solene obrigação é testificar a respeito de Jesus Cristo, onde quer que eu vá e para quem quer que seja, enquanto eu viver”. □

# VAMOS OUVIR NÓS

Kay Lynn Wakefield

DESENHO DE MARIELA MONTERROSO G., 9 ANOS, COSTA RICA;  
SILHUETA DE PHYLLIS LUCH

As crianças podem ensinar-nos muito sobre o amor, se pararmos para ouvi-las.



“Já te disse suficientemente o quanto te amo, meu filho?”, pensei. Sentados na UTI do hospital, eu e meu marido orávamos pela vida de nosso filho mais velho, Joel. Segurei-lhe a mão fina e fria, ouvindo as máquinas que o mantinham vivo e lamentando talvez não ter feito o bastante para expressar meu amor por ele. Mais do que qualquer coisa, queria dizer-lhe mais uma vez: “Eu te amo”.

Não sei quantas vezes demonstrei meu amor por Joel desde que sua vida foi poupada. Os membros de nossa família agora demonstram seu amor uns pelos outros

mais fácil e freqüentemente, tanto em palavras quanto em ações. Procuramos não perder uma só oportunidade de expressar nossa afeição.

O fato de Joel ter beirado a morte lembrou-nos de que a vida é curta e não podemos deixar passar uma só oportunidade de mostrar a nossos filhos que os amamos— especialmente sabendo que as crianças sentem grande alegria e segurança quando sabem que são amadas.

O Salvador, nosso exemplo em todas as coisas, mostrou Seu amor pelas crianças durante Seu ministério entre os nefitas da terra de Abundância. “[Ele] pegou as crianças, uma a uma, e abençoou-as e orou por elas ao Pai.



# S S O S P E Q U E N I N O S

E depois de ter feito isso, chorou” (3 Néfi 17:21–22).


Infelizmente, o amor do Salvador por nossas “crianças” (3 Néfi 17:23) contrasta com o tratamento que algumas crianças recebem. Um número grande demais de crianças conhecem apenas dor, agonia e frustração. Para elas, a alegria da infância não existe.

Um de nossos desafios, como pais, é que o ritmo da vida moderna nos ajuda a esquecer o quão importante é diminuirmos nosso ritmo para ver o mundo através da

perspectiva de nossos filhos. Sabemos que os filhos vêm ao mundo sem pecado, cheios de amor e do espírito de Cristo (ver Morôni 8:12). Eles têm coisas para nos ensinar, especialmente a respeito do amor. Só precisamos afinar nosso coração com o deles.

A Irmã Michaelene P. Grassli, ex-presidente geral da Primária, disse: “Se procurássemos ouvi-los mais, descobriríamos como ser bem sucedidos em relação a eles. É mais provável que nos ouçam se souberem que são ouvidos





e compreendidos. Escutai com o coração”  
(*A Liahona*, outubro de 1994, p. 42).

Aproximadamente 150 crianças da Primária de todo o mundo responderam, a líderes da Igreja, como sabiam que seus pais as amavam. Como evidência de amor, quase todas citaram simples momentos em que os pais lhes dedicaram tempo, ajudaram-nas em alguma coisa ou deram-lhes carinho. Apenas algumas citaram presentes caros. Uma criança, como muitas da Primária, respondeu: “Porque meus pais me ensinam. Eles lêem as escrituras comigo para eu poder aprender sobre Jesus”.

Benjamin Durand, 10 anos, de Toulouse, França, diz que sabe que seus pais o amam porque eles fazem noite familiar. “Eles lêem as escrituras e contam histórias para mim. E eles jogam basquetebol, futebol e rugby comigo.”

Vanessa Warcollier, 9 anos, sabe que seus pais a amam porque eles freqüentemente demonstram isso. “Eles são bons para mim, me ajudam e me abraçam”, diz ela.

“Eu sei que meus pais me amam porque eles tomam conta de mim”, acrescenta Lauri-Anne Cuvelier, de 11 anos.

Emmanuele Dimauro, 9 anos, e Mariella Louisa Pugliese, 6, ambas de Catania, Itália, sabem que são amadas porque seus pais sempre têm tempo para elas. “Brincamos juntos”, diz Louisa. “Eles mostram que me amam”, diz Emmanuele, “e sempre se sentam do meu lado”.

Sheila Peón Prendes, 10 anos, de Gijón, Espanha, diz: “Sei que meus pais me amam porque eles cuidam de mim, me alimentam, brincam comigo, me ensinam, me levam à capela e lêem as escrituras para mim”.

Seu irmão de sete anos, Omar, diz: “Eles me ajudam na lição de casa. Eles me beijam e me abraçam. Eles me corrigem quando não me comporto bem”.

Julio Inocencio, 7 anos, de Cuernavaca, México, não fica surpreso com o amor dos pais. “Quando eles eram





pequenos, os pais deles os amaram também”, ele diz.

Raul Valladares Pérez, de 10 anos, diz: “Sei que me amam porque eles me ajudam em todos os meus problemas. Eles me dão muito amor e respeito”. E Israel Ramíríz, de 10 anos, diz que sabe que seus pais o amam porque “quando estou triste eles fazem com que me sinta melhor e quando ajo mal eles continuam me amando de qualquer modo”.

Carlos Tirado, de dez anos, que freqüenta o ramo espanhol de Hartford, Connecticut, sabe que seus pais o amam porque “nós oramos juntos”. Shari Guisinger, 9, de Kent, Washington, diz que sabe porque “eles me dizem isso quando prestam testemunho”.

Jamie Crozier, 11 anos, de Jerome, Idaho, atribui o amor dos pais ao fato de que eles “toleram algumas coisas que faço e realmente não devia fazer, e eles me ensinam que o que fiz estava errado”.

Lars Christiansen, 9 anos, da mesma ala, sabe que seus pais o amam porque “meu coração me diz”.

Os filhos sabem que os amamos quando os tratamos como filhos de Deus e fazemos as coisas que o Senhor requer dos pais.

“E não permitireis que vossos filhos andem famintos ou desnudos; nem permitireis que transgridam as leis de Deus e briguem e disputem entre si e sirvam ao diabo (...).

Ensiná-los-eis, porém, a andarem nos caminhos da verdade e da sobriedade; ensiná-los-eis a *amarem-se* uns aos outros e a *servirem-se* uns aos outros.” (Mosias 4:14-15; grifo nosso.)

Os filhos aprendem com os pais a amar e servir. Nós, a quem se confiaram filhos, temos um dever sagrado, “pois foi a nós que o Senhor deu a incumbência de envolvê-los com amor, com o fogo da fé e com o entendimento de quem são”. (M. Russell Ballard, *A Liahona*, outubro de 1994, p. 40.)

Se precisamos de ajuda para melhor viver de acordo com essas responsabilidades, o que temos a fazer é ouvir esses preciosos pequeninos. □



DESENHO DE JOY GRANT, 10 ANOS, GREENSBORO, CAROLINA DO NORTE

# APROVEITE O MOMENTO

Claudia Eliason

**M**aria, de cinco anos de idade, perguntou: "Se eu entrasse num casulo, viraria borboleta também?" Que grande oportunidade para se ensinar sobre casulos, crisálidas e a metamorfose por que passa uma lagarta para transformar-se em borboleta! Se o tempo e o lugar forem adequados, um modo maravilhoso de responder à pergunta dessa criança seria achar uma lagarta e observar as mudanças pelas quais ela passa nas semanas seguintes.

Em nossa vida agitada, freqüentemente nos parece difícil, se não impossível, aproveitar momentos preciosos para ensinarmos nossos filhos. Contudo, se conseguimos aproveitar essas ocasiões, podemos criar nas crianças uma curiosidade insaciável e entusiasmo para aprender. Aqui estão algumas diretrizes que me ajudaram a aproveitar oportunidades para ensinar meus filhos.

**Ouçã com interesse as crianças.** Enquanto ouve, use suas perguntas e comentários como trampolins para a transmissão de conhecimentos e a solução de problemas. Por exemplo, pesquisar coisas como "o que as formigas comem?", "por que os grilos cricrilam mais devagar no outono do que no verão?" e "Néfi amava seus irmãos, Lamã e Lemuel?", levou-nos a algumas respostas interessantes e a novas descobertas.

Além disso, quando prestamos atenção às perguntas e comentários das crianças, podemos ajudá-las, por meio de nossas respostas, a esclarecer seus conhecimentos. Um menino visitou uma fazenda de criação de gado leiteiro com a classe da escola e observou as vacas sendo ordenhadas com o uso de máquinas. Quando o grupo ia saindo, ele puxou o fazendeiro pelo braço e perguntou: "Como sabe quando as vacas estão cheias?" O sábio fazendeiro tirou a máquina de uma das vacas e ordenhou-a com a mão para

o menino ver que o leite estava *saindo* da vaca.

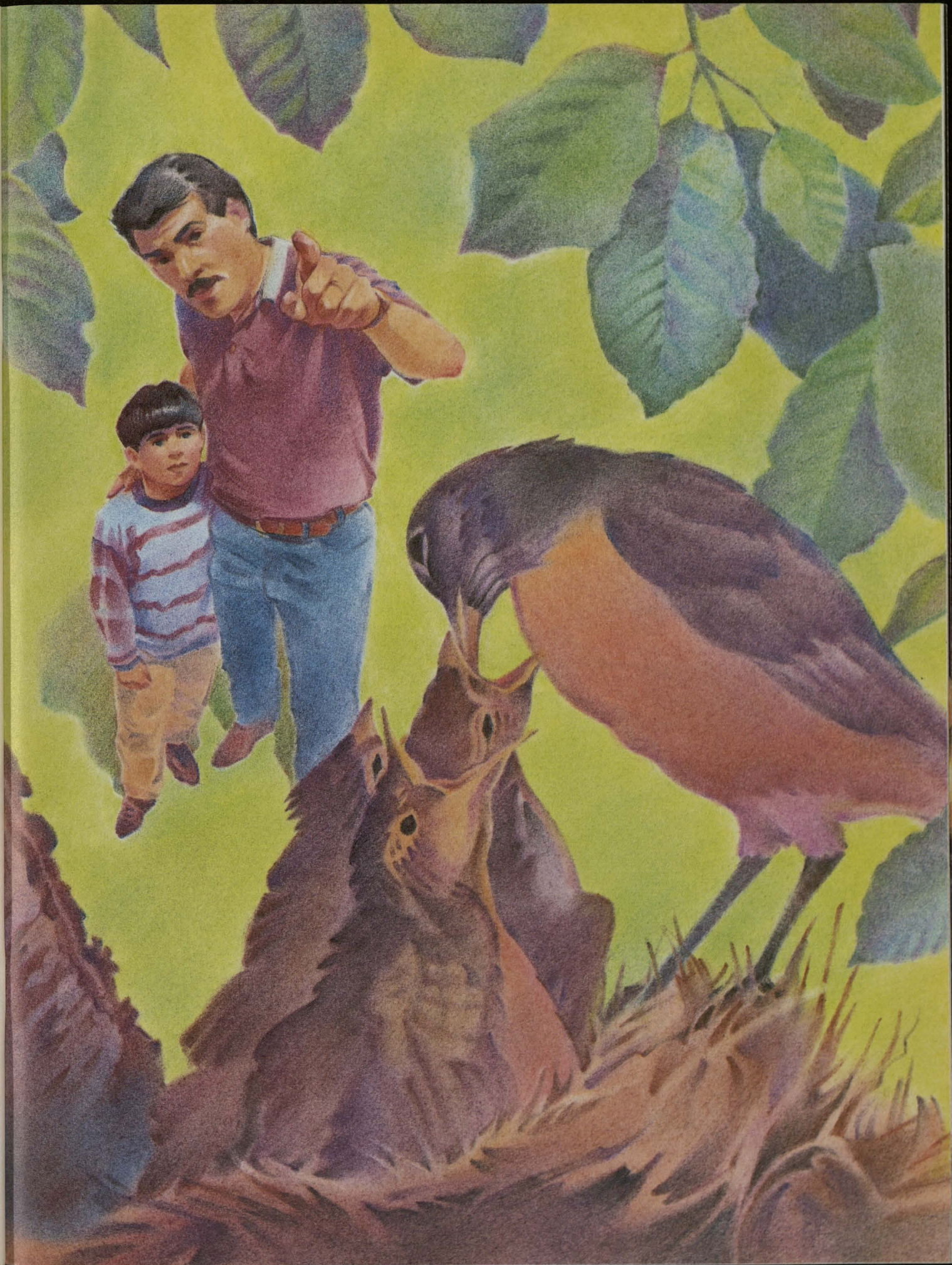
Independente da idade da criança, quando os pais ou outros adultos realmente as ouvem e conversam com elas, oferecendo sugestões para suas perguntas e comentários, elas desenvolvem a compreensão e o desejo de aprender e buscar respostas.

**Encoraje o raciocínio, a resolução de problemas e a introspecção.** Uma maneira de fazer isso é usar perguntas que dêem margem à reflexão, como: "Como se sente a respeito de (...)" "Que acha que acontecerá se (...)" "Já pensou se (...)" "O que faria se (...)"

Outra maneira é fornecer à criança livros de assuntos que lhe interessem. Por exemplo, após ouvir falar de um terremoto, nosso filho, que cursa a sexta série, quis saber o que era a escala Richter. Pesquisando livros sobre o assunto, ele não só resolveu sua dúvida, mas também aprendeu mais sobre terremotos.

**Aproveite as oportunidades de ensino no momento em que acontecem.** Se essas oportunidades são adiadas, as perguntas podem ser esquecidas, as percepções podem mudar, o interesse pode desvanecer-se e a introspecção e a indagação, perder-se.

Oportunidades maravilhosas de ensino e reforço de conceitos importantes surgirão todos os dias, mas precisamos de tempo para aproveitar esses momentos. Precisamos de tempo para ponderar e discutir uma história das escrituras, tempo para interromper uma caminhada e explorar o que há debaixo de uma pedra, e tempo para mostrar a nosso filho as fotos de seu bisavô. Mas o tempo e esforço gasto com essas coisas vale para a eternidade, pois veremos nossos filhos desenvolverem uma compreensão mais profunda do evangelho de Jesus Cristo e do mundo no qual vivem. □



ILUSTRADO POR DILLEN MARSH



FOTOGRAFIA DE MICHAEL R. JACOBIS

# Papua-Nova Guiné

Michael R. Morris

Quando a exploração europeia de Papua-Nova Guiné começou seriamente, os exploradores do século XIX talvez pensassem ter encontrado descendentes do povo que construiu a Torre de Babel. Isso porque aproximadamente 850 línguas—quase um terço do total de línguas do mundo—são faladas nas ilhas do Pacífico que constituem essa nação.

Até este século, as muitas tribos que viviam em Papua-Nova Guiné estiveram separadas umas das outras por montanhas altas, regiões escarpadas, florestas tropicais densas, vales profundos e rios sinuosos. Isoladas, as tribos desenvolveram-se e mantiveram a própria língua.

Hoje, contudo, o Espírito está se tornando uma força unificadora entre os numerosos papuásios. O evangelho restaurado espalha-se por essas ilhas do mar e o povo começa a dar ouvidos à exortação do Senhor, nestes últimos dias, de escutar-se juntamente (ver D&C 1:1).

A Papua-Nova Guiné compõe-se da metade oriental da ilha de Nova Guiné e de uma cadeia de ilhas tropicais que se prolonga por mil e seiscentos quilômetros e inclui as Ilhas Salomão e o Arquipélago Bismarck. Localiza-se ao norte da Austrália e ao sul da linha do equador. Tem uma população de quatro

milhões de habitantes.

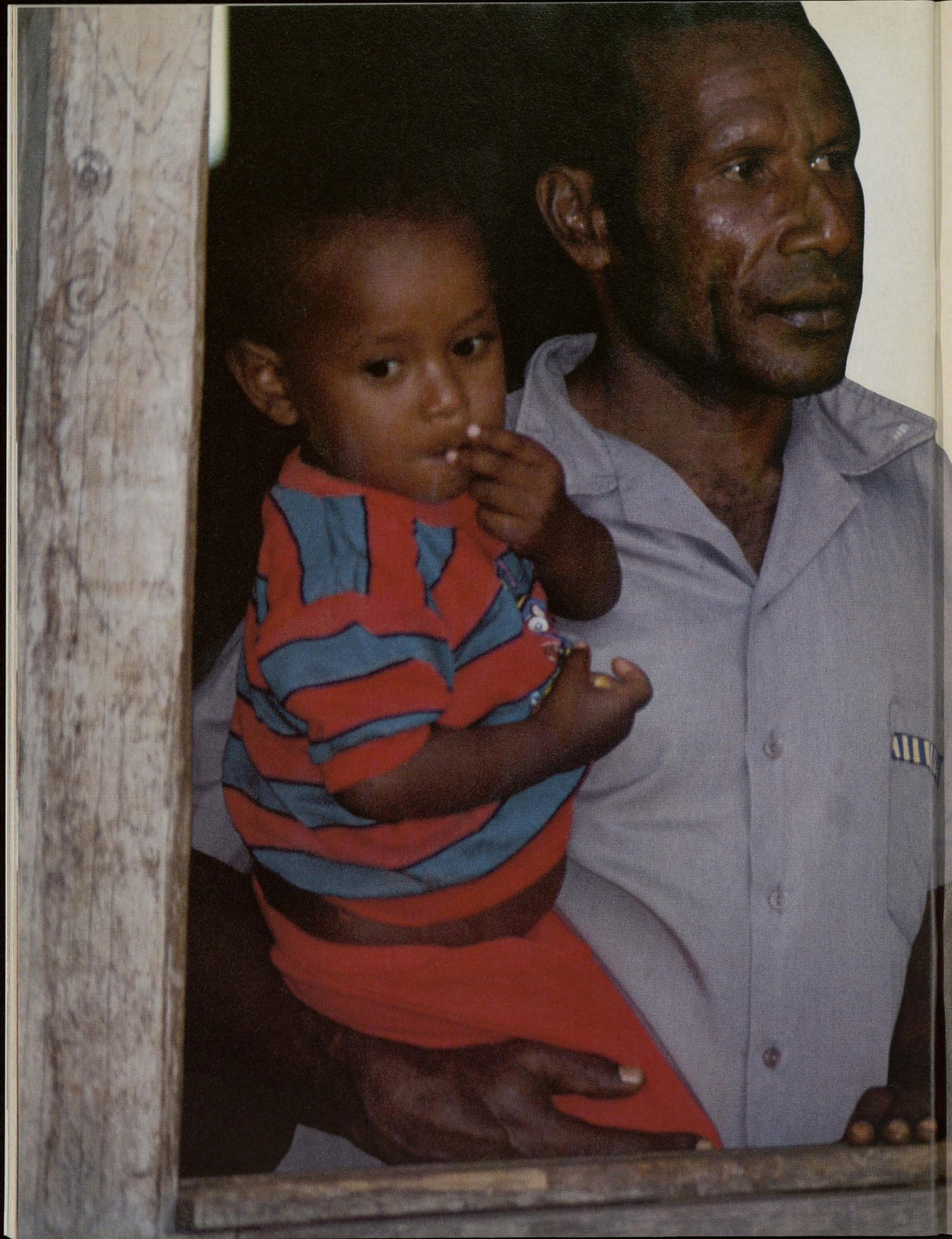
Os primeiros exploradores portugueses apelidaram o local de “Ilha dos Papuas”, por causa da palavra malaia *papuwah*, que significa “cabelo encarapinhado”—referência ao cabelo escuro e crespo dos habitantes melanésios da ilha. Os holandeses, mais tarde, chamaram a ilha de Nova Guiné por causa da semelhança daquela terra com a nação africana Guiné. Quando o país obteve a independência, em 1975, os dois nomes foram combinados.

Assim como aconteceu com os antigos exploradores, os primeiros missionários SUD que visitaram a Papua-Nova Guiné nos anos 60 e 70 foram recebidos com certa desconfiança. Informações falsas sobre a Igreja abundam entre a grande população cristã do país e há oposição em algumas áreas. Os papuásios, porém, são amigáveis, generosos e espiritualmente sensíveis. Para muitos, a curiosidade sobre a Igreja abriu caminho para a conversão. De 1987 para cá, o número de membros dobrou para 3.000.

A maioria dos santos dos últimos dias de Papua-Nova Guiné moram em Moresby, uma cidade de crescimento desordenado, cuja população é de 170.000 habitantes provenientes das diversas tribos e culturas da nação. A Igreja tem também ramos

**O número de membros da Igreja está crescendo em Papua-Nova Guiné. Cada vez mais pessoas abraçam o evangelho, vencem barreiras de tradições e embarcam numa vida de serviço ao próximo. A maioria dos membros, como os alunos da Escola Dominical, à esquerda, moram em Port Moresby, a capital. A adolescente Rose Amburo, abaixo, mora no outro lado da ilha, no Ramo de Popondetta.**





O professor de seminário, Robert Gandia, à esquerda, e seus filhos Trevor e Joe, aguardam os alunos na capela do Ramo Kuriva, extrema direita. Muitos de seus alunos serviram missão de tempo integral no próprio país. Auda Dauri, à direita, de Port Moresby, foi o primeiro adulto papuásio batizado, em 1980.



em várias cidades da costa norte da Nova Guiné, na ilha de Daru; em Rabaul, que fica na Ilha da Nova Inglaterra; e em algumas vilas, incluindo Kuriva e a vizinha Aroa, localizadas numa plantação de coco. Os missionários ainda não chegaram aos populosos e férteis vales das montanhas, onde vive um terço da população de Papua-Nova Guiné, mas os habitantes das terras altas, que só a partir de 1930 passaram a ter mais contato com o resto do mundo, estão começando a pedir a presença de missionários.

#### “SENTIR O ESPÍRITO”

Em 1992, Nathan Siriga era um urbanizador que trabalhava para o

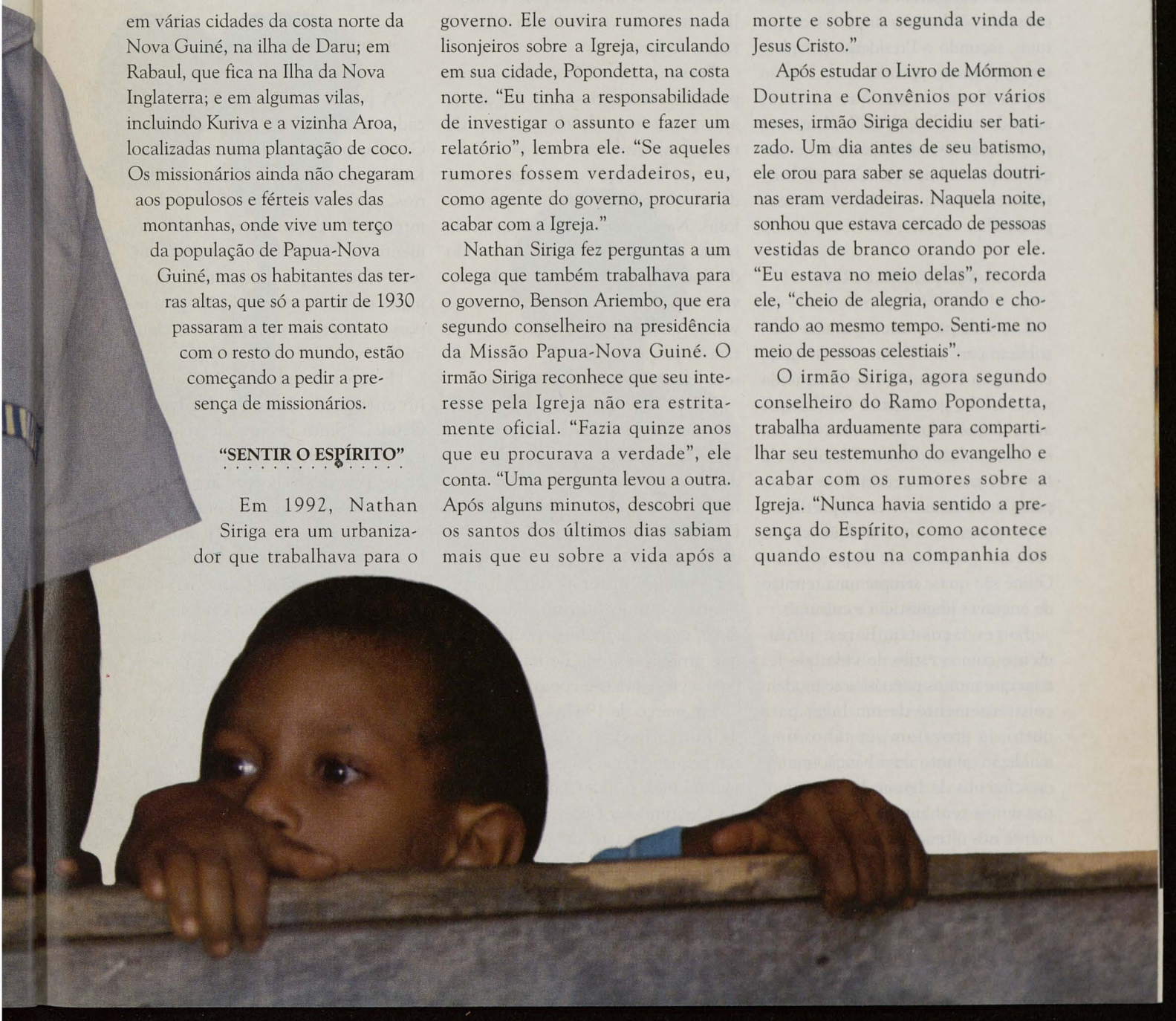
governo. Ele ouvira rumores nada lisonjeiros sobre a Igreja, circulando em sua cidade, Popondetta, na costa norte. “Eu tinha a responsabilidade de investigar o assunto e fazer um relatório”, lembra ele. “Se aqueles rumores fossem verdadeiros, eu, como agente do governo, procuraria acabar com a Igreja.”

Nathan Siriga fez perguntas a um colega que também trabalhava para o governo, Benson Ariembo, que era segundo conselheiro na presidência da Missão Papua-Nova Guiné. O irmão Siriga reconhece que seu interesse pela Igreja não era estritamente oficial. “Fazia quinze anos que eu procurava a verdade”, ele conta. “Uma pergunta levou a outra. Após alguns minutos, descobri que os santos dos últimos dias sabiam mais que eu sobre a vida após a

morte e sobre a segunda vinda de Jesus Cristo.”

Após estudar o Livro de Mórmon e Doutrina e Convênios por vários meses, irmão Siriga decidiu ser batizado. Um dia antes de seu batismo, ele orou para saber se aquelas doutrinas eram verdadeiras. Naquela noite, sonhou que estava cercado de pessoas vestidas de branco orando por ele. “Eu estava no meio delas”, recorda ele, “cheio de alegria, orando e chorando ao mesmo tempo. Senti-me no meio de pessoas celestiais”.

O irmão Siriga, agora segundo conselheiro do Ramo Popondetta, trabalha arduamente para compartilhar seu testemunho do evangelho e acabar com os rumores sobre a Igreja. “Nunca havia sentido a presença do Espírito, como acontece quando estou na companhia dos



membros da Igreja ou nas reuniões sacramentais”, diz. “Temos o dever e a responsabilidade de falar a nosso povo sobre a Igreja.”

Muitos papuásios santos dos últimos dias abraçaram o evangelho por causa de sonhos ou sussurros espirituais, segundo o Presidente Joseph J. Grigg, primeiro presidente da Missão Papua-Nova Guiné, que tem três anos de atividade. “O Senhor está preparando-os e eles aceitam o evangelho prontamente. Os membros têm testemunho e regularmente o prestam”.

#### LAÇOS FAMILIARES

Laços de parentesco também contribuem para o crescimento da Igreja em Papua-Nova Guiné. Pessoas da mesma vila, geralmente familiares e amigos que falam a mesma língua, são chamados *wantocks*. Membros de famílias grandes geralmente vivem perto uns dos outros e compartilham o que possuem. Em consequência, as cidades grandes de Papua-Nova Guiné são quase sempre uma reunião de encaves lingüísticos e culturais.

Fortes laços familiares, juntamente com o estilo de vida que fez com que muitos papuásios se mudem constantemente de um lugar para outro, já provaram ser tanto uma maldição quanto uma bênção para o crescimento da Igreja. Embora muitos ramos tenham crescido regularmente nos últimos anos, a frequência no domingo varia nas cidades, porque os membros viajam muito para a

vila natal, em visitas prolongadas. O constante movimento de pessoas das cidades para as vilas e das vilas para as cidades, associado ao costume nacional de sentar e conversar, ajuda a despertar o interesse pelo evangelho em áreas onde ainda não há ramos da Igreja.

Pessoas de várias vilas estão pedindo missionários, mas, até agora, a pequena força de missionários de tempo integral tem sido posta nos “centros de força” que a Igreja está desenvolvendo nas áreas mais populosas. Nessas áreas, as pessoas estão sendo treinadas por meio do estudo da doutrina do evangelho e do serviço em cargos da Igreja. Algumas vilas, contudo, já contam com ramos, graças ao grande interesse de seus habitantes pelo evangelho.

John Oii levou o evangelho para sua pequena vila de Kuriva em setembro de 1986, quando retornou de Moresby para sepultar seu filho, morto por uma picada de cobra. Durante os tradicionais dois meses de luto, o irmão Oii contou a parentes e amigos histórias sobre Joseph Smith e o anjo Morôni. Por causa disso, muitos moradores pediram-lhe que arranjasse a ida de missionários para a vila e atuasse como intérprete.

Em março de 1987, 40 habitantes de Kuriva haviam sido batizados e um pequeno ramo foi organizado. No mesmo mês, o Élder James E. Faust, do Quórum dos Doze, dedicou uma capela composta de uma só sala coberta de sapé, construída pelos membros com material local. Desde

1987, o número de membros do ramo quadruplicou. Com a ajuda do programa do seminário, 15 rapazes prepararam-se para a missão, a maioria dos quais serviu em Papua-Nova Guiné.

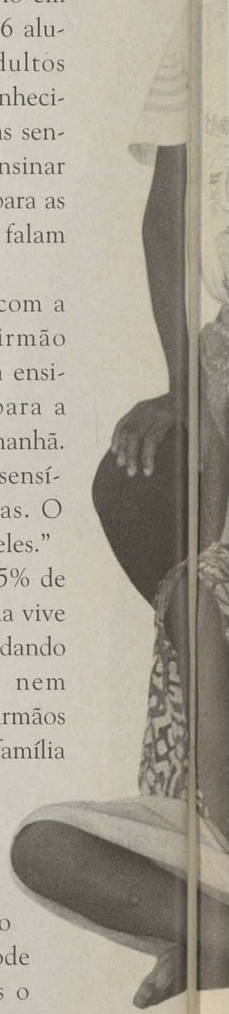
#### “A PEDRA ESTÁ ROLANDO”

“A pedra está rolando e ficando cada vez maior”, diz o irmão Robert Gandia, professor do seminário em Kuriva. Sua classe, que tem 26 alunos, muitas vezes recebe adultos interessados em aumentar o conhecimento do evangelho. As moças sentem-se felizes por poderem ensinar inglês ou interpretar as lições para as pessoas mais idosas, que não falam inglês.

“É sensacional trabalhar com a juventude da Igreja”, diz irmão Gandia. “Sinto imensa alegria ensinando-os. Eles são vitais para a Igreja, pois são os líderes de amanhã. Nossos estudantes são bons, sensíveis e aprendem as escrituras. O Espírito está trabalhando com eles.”

Como aproximadamente 85% de seus concidadãos, irmão Gandia vive da terra. Quando não está cuidando da horta nem pescando nem caçando, está ajudando seus irmãos ou ensinando o evangelho à família ou aos alunos do seminário.

“Não ficamos à toa”, diz ele. “O evangelho ajuda as pessoas a entenderem a importância do trabalho e do sacrifício.” A vida na vila pode ser simples e humilde, mas o



Os membros do Ramo de Port Moresby, Kuwa Omai e Kerea Jane, com os filhos Raino, Elizabeth, Sandra e Jodina. "Estamos felizes por servir na Igreja", diz o irmão Omai. Com as velas abaixadas, canoas feitas com um tronco de árvore talhado, à direita, se alinham no porto da ilha de Daru.



conhecimento do evangelho e o serviço na Igreja conferem-lhe um propósito elevado.

O crescimento da Igreja em Papua-Nova Guiné, como em outras partes do mundo, é uma seleção. Alguns membros perseveraram, outros não. Graças ao crescente número de membros e líderes, contudo, muitos que se perderam estão voltando para o evangelho.

Reagindo a indagações a respeito do evangelho, em 1990, missionários começaram a trabalhar na pequena ilha de Daru, localizada a oeste de Port Moresby, no Golfo de Papua. Três meses mais tarde, organizou-se um ramo no local, com mais de 150 membros. Apesar do sucesso missionário inicial, o número de ativos caiu em decorrência da falta de organização e da volta de muitos membros para suas vilas, no continente.

O número de membros hoje é de 300 e a ativação aumentou porque os líderes do ramo, com a ajuda de casais missionários, envolveram os membros menos ativos no trabalho. O próspero ramo, que dedicou uma capela em fevereiro de 1993, está atraindo cada vez mais a atenção das vilas continentais mais próximas.

"Na região do continente próxima a Daru, pessoas de 10 vilas já estão

pedindo missionários”, diz o ex-presidente do ramo, Charles Garry. “As pessoas aprendem com os membros que voltam para as vilas; depois, vêm aqui para a igreja, ouvem e ficam muito interessadas. Nossos ensinamentos são novos para eles, e eles estão abrindo o coração. Querem que a Igreja chegue logo em suas vilas.”

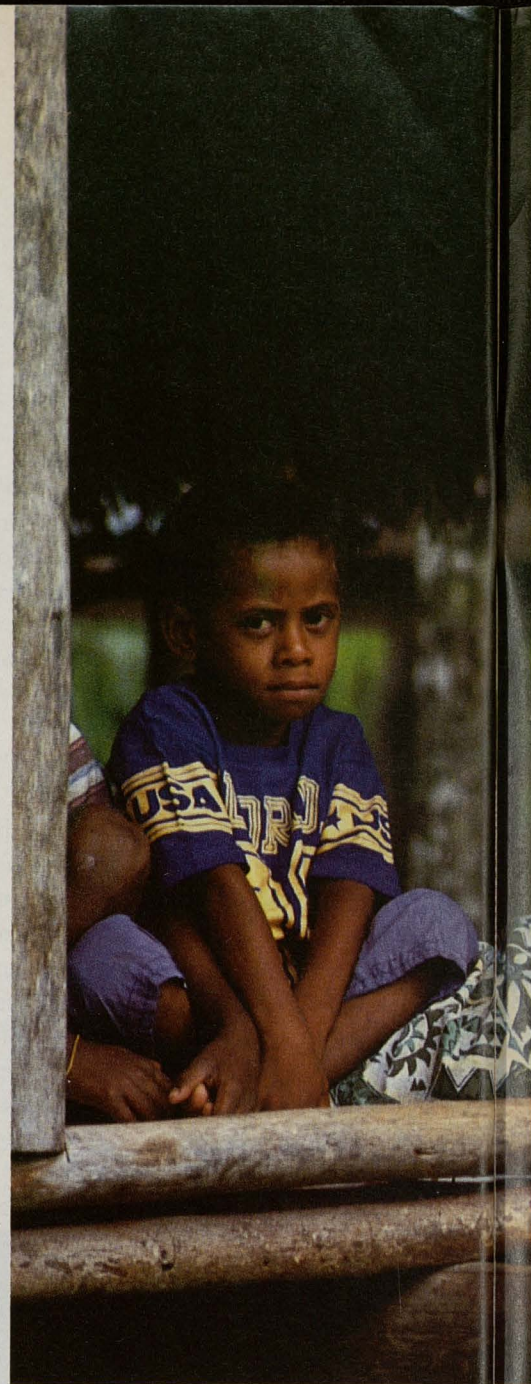
#### “UMA IGREJA DE APRENDIZADO”

A maioria dos papuásios falam várias línguas, mas muitos não sabem ler nem escrever. Mais ou menos a metade de todas as crianças entram para a escola primária, mas só 15% chegam ao segundo grau. Entretanto, um número crescente de jovens entram nas duas

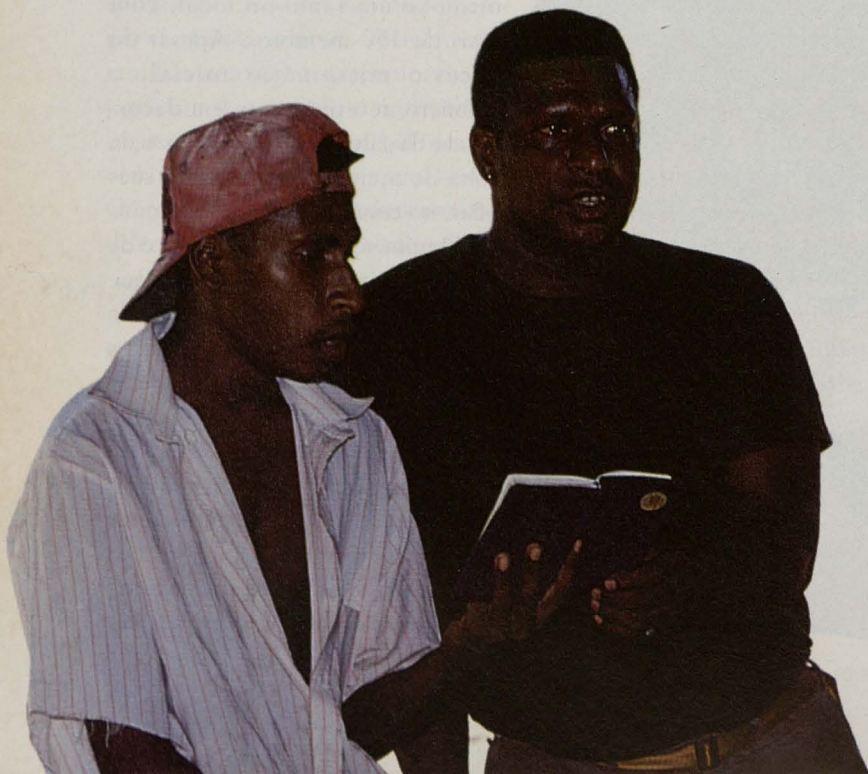
universidades do país e nas pequenas faculdades encontradas na maioria das províncias.

“Somos felizes pelas oportunidades de aprendizado que o evangelho nos fornece”, diz Esther Kairi, que, além de ser professora do seminário, dá aulas de alfabetização no Ramo Gerehu, em Port Moresby. Os membros são particularmente gratos pelo Programa de Alfabetização no Evangelho, que os ajuda a desenvolver sua capacidade de leitura e escrita.

Os primeiros livros que Doreen Huena quis ler, depois que ela e o marido, Wincelas Huena, entraram para a Igreja, em 1990, foram o Livro de Mórmon e a Bíblia. Após o batismo, Doreen diz que sentiu uma paz espiritual e um intenso desejo de



**Acima, a Presidente da Sociedade de Socorro do Ramo Popondetta, Mary Jill Hiari (centro) cumprimenta com um sorriso a irmã Betty Harris, de Utah (direita), que está em missão com o marido, Warren, na Nova Guiné. Os professores do seminário do Ramo Aroa Plantation, Sioni Kuri e Ori Sou, à esquerda, cantam hinos com os alunos.**





estudar as escrituras por si mesma.

“Orei e jejei para ser capaz de ler o Livro de Mórmon e a Bíblia”, lembra irmã Huena, que é conselheira na presidência da Primária do Ramo Popondetta. Mas, por ter cursado somente um ano escolar, “tinha dificuldade para entender as palavras do Senhor”. Por meio de oração, persistência e ajuda dos missionários, logo ela estava lendo e entendendo as escrituras.

Edna Amburo também teve dificuldade em ler o Livro de Mórmon no começo—não só porque achou o livro difícil de entender, mas porque os amigos lhe diziam que “iria para a fogueira” se o lesse. “Todos os meus amigos disseram-me para queimar o livro”, conta ela, “mas decidi não fazer isso porque senti que o Livro de Mórmon era a palavra de Deus”.

Edna foi batizada em 1990. Não muito tempo depois, foi chamada

para ensinar o Livro de Mórmon aos alunos do seminário.

“Eu disse: ‘Como vou ensinar? Não sou uma mulher instruída, não falo bem inglês e não escrevo bem. Saí da escola na quinta série.’”

Os membros do ramo e os missionários incentivaram a irmã Amburo a pedir ajuda ao Senhor. Ela levou a sugestão a sério e passou duas semanas chorando, jejuando e orando para que o Senhor a ajudasse a se

tornar uma boa professora.

“Li Morôni 10:4-5 e fiz o que ele diz”, ela conta. “Vi que era verdade. Senti paz no coração, tive alegria e fiquei feliz por saber que daria aulas no seminário. Amo de verdade o Livro de Mórmon. Agora o entendo.”

A irmã Amburo atribui seu crescimento espiritual e intelectual à ajuda do Pai Celestial. Além das aulas no seminário, ela dá aula na Escola Dominical e é conselheira na presidência da Sociedade de Socorro do Ramo Popondetta.

Passo a passo, consegui. A Igreja ajudou-me muito. É uma igreja de aprendizagem.

#### “O SENHOR ESTÁ ABENÇOANDO-NOS”

Os santos dos últimos dias de Papua-Nova Guiné vivem de modo totalmente contrário ao estilo de vida de seus ancestrais e de alguns habitantes do país que ainda hoje moram isolados. Fisionomias resplandecentes, roupas domingueiras e serviço ao próximo atestam o poder do evangelho de fazer as pessoas renascerem espiritualmente.

Missionários cristãos, que iniciaram suas atividades há 100 anos, ajudaram a preparar as pessoas para o evangelho restaurado. A maioria dos papuásios considera-se cristã, mas algumas crenças e práticas contrárias ao evangelho persistem nas culturas tribais e nas vilas.

Para muitas pessoas—tradicionalmente rodeadas por vizinhos hostis e

desconfiados que falam outra língua—o conceito de “amar o próximo” é algo recente. Os *wantocks*, que cuidam uns dos outros na vila, são capazes de, sem remorso, roubar qualquer coisa de uma tribo rival ou de um estranho na cidade, onde o trabalho é escasso, o desemprego é alto e a união se perdeu.

O evangelho restaurado, contudo, está promovendo uma coesão espiritual entre os membros da Igreja nas cidades e está fortalecendo os laços nas vilas. “Eu costumava pensar que estava só”, diz Loka Hui, primeiro conselheiro na presidência do Ramo Popondetta, “mas quando entrei para a Igreja, soube que arranjava uma família que ama e ajuda o próximo. Com os missionários e membros, aprendi o que é o amor. Sei que pertença à família de Jesus Cristo”.

“Pessoas humildes estão edificando a Igreja e estabelecendo seus alicerces aqui”, diz o Presidente do Distrito de Port Moresby, Vaiba Rome. “Temos nossas fraquezas, mas o Senhor está nos abençoando. A Igreja oferece os programas e o conhecimento que nosso povo precisa para erguer-se acima das tradições que os atrasam e os impedem de progredir”, diz ele. “Vejo muito trabalho para o futuro, mas vejo também muito sucesso. Estamos recebendo a força de que precisamos para seguirmos em frente, juntos.”

O Presidente Rome tem servido em muitos cargos desde que ele e a

esposa, Mauveri, tornaram-se um dos primeiros casais convertidos de Papua-Nova Guiné, em 1981. Em 1984, viajaram para o Templo da Nova Zelândia para tornarem-se o primeiro casal selado de seu país. Em 1991, levaram um grupo de 138 pessoas para o Templo de Sydney Austrália.

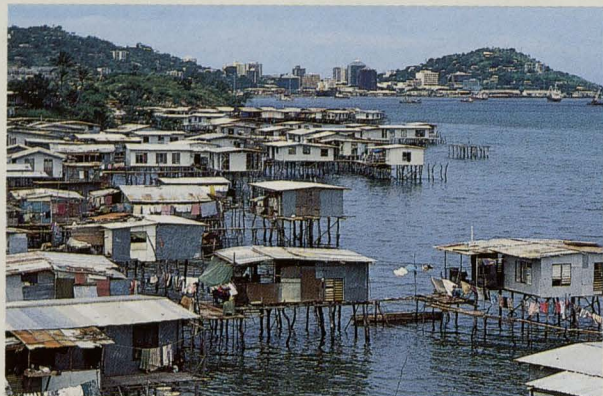
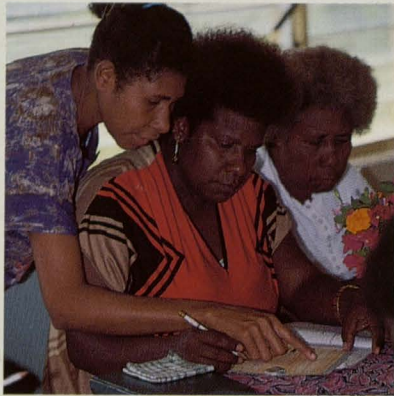
“Os membros estão percebendo quão importante é o evangelho para a família”, ele diz. “Os homens estão dando um passo à frente, assumindo responsabilidades e tomando conta da esposa e dos filhos. As mulheres estão sendo reconhecidas, tratadas corretamente e respeitadas. Elas têm orgulho do marido e nós temos orgulho de nossa esposa e de nossos filhos. Eles são parte importante de nossa Igreja. Observamos que as mulheres são reconhecidas mais na Igreja do que em qualquer outra organização de Papua-Nova Guiné.”

Os santos dos últimos dias de Papua-Nova Guiné estão confiantes de que a Igreja progredirá, apesar dos desafios de alfabetização, tradição e oposição ocasional. Eles estão até confiantes de que a barreira representada pelas muitas línguas será vencida. Afinal, a voz do Espírito é mutuamente compreensível. Para os que ouviram e seguiram essa voz, só há uma língua de fé. Eles, como disse Paulo, “já não [são] estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos” (Efésios 2:19)—são um só coração, uma só mente, uma só língua. □



**Cristo Restaurando a Vida da Filha de Jairo, de Greg K. Olsen**

Demonstrando grande fé, Jairo, um príncipe da sinagoga, implorou a Jesus que restaurasse a vida de sua filha que "faleceu agora mesmo" (Mateus 9:18). Mas Jesus declarou "Não choreis; não está morta, mas dorme. E riam-se dele (. . .) Mas ele, pondo-os todos fora, e pegando na mão, clamou, dizendo: Levanta-te, menina. E o seu espírito voltou, e ela logo se levantou (. . .)" (Lucas 8:52-55).



**P**erto de 1/3 do número de línguas do mundo são faladas em Papua-Nova Guiné. Mas o evangelho restaurado está unificando essas ilhas do mar, e as pessoas estão começando a dar ouvidos e escutar juntas. Ver “Papua-Nova Guiné”, na página 41.

